UNIFICAÇÃO

Secretário
PAULO TOLEDO MACHADO
Direção:
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Órgão da
"U.S.E."
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO

Conselho de Redação:
PAULO ALVES DE GODOY
PROF. EMILIO MANSO VIEIRA
DR. LUIZ MONTEIRO DE BARROS

ANO VII | Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 183.663, em 11-4-1956 e, de acôrdo com a Lei Federal n.º 2083, de 12-11-1953, combinada com o Decreto federal n.º 4857, de novembro de 1939, sob n.º 1244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital. | SÃO PAULO — BRASIL Março de 1960 | Redação Rua S. Amaro, 362 — Cx. Postal, 3.946 Telefone: 37-8637 — São Paulo | N.º 84

Ecos da 1.ª Convenção dos Educadores Espíritas do Est. de S. Paulo

A realização, na cidade de Ribeirão Prêto, nos dias 11 e 12 de fevereiro último, da 1.ª Convenção dos Educadores Espíritas do Estado de São Paulo, constituiu um acontecimento de suma importância nos anais do Espiritismo.

Consequência natural dos Cursos Intensivos para Evangelizadores das Escolas de Moral Cristã Infanto-Juvenis, realizados nos últimos anos pelo Serviço de Evangelização e Orientação das Gerações Novas, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, e mais recentemente pelo Departamento da Infância e da Juventude, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, a 1.ª Convenção dos Educadores Espíritas do Estado de São Paulo teve o mérito de fazer com que os exaustivos trabalhos elaborados nesses dois cursos intensivos merecessem aprovação como norma para todos os Cursos de Moral Cristã Infanto-Juvenis que são mantidos pela grande maioria das instituições espíritas de todo o Estado de São Paulo.

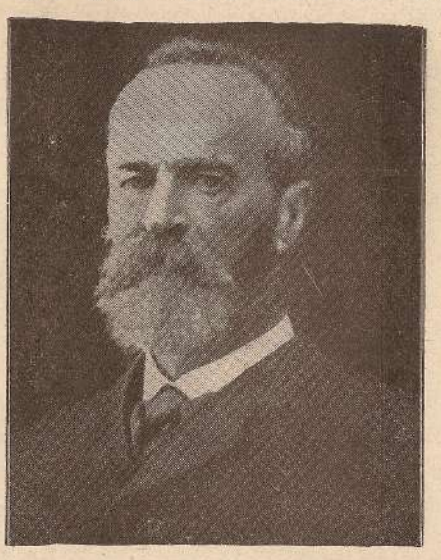
O plenário da 1.ª Convenção dos Educadores Espíritas do Estado de São Paulo, deixando de criar novas normas acessórias e aprovando um trabalho de equipe, fruto do entrelaçamento dos Evangelizadores de dois grandes Estados do Brasil, agiu do modo mais acertado possível,demonstrando completa ausência de personalismo por parte dos seus realizadores.

O problema da Educação no Estado de São Paulo tem merecido por parte da Federação Espírita do Estado de São Paulo, do Instituto Espírita de Educação, de grande parte das várias instituições espíritas disseminados pelo Estado e dos órgãos distritais, municipais e regionais da U.S.E. o mais acendrado interêsse, cabendo aqui apologiar o trabalho de um pugilo de abnegados que vê na preparação intelectual e evangélica da presente geração, o mais acertado caminho para a colimação dos nobilitantes ideais que o Espiritismo tem por missão realizar.

É óbvio também que, no campo da unificação do Espiritismo, o setor da Educação constitue um dos pontos altos, merecendo dos integrantes dêsse movimento a mais dedicada atenção.

A educação evangélica é encarada pelos espíritas como um trabalho de balizamento, fundamental para a consolidação do Cristianismo restaurado e para o advento do Reinado do Espírito.

OS GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO



WILLIAM JAMES

William James, reitor da Universidade de Harvard, encarnou em Nova York (Estados Unidos), em janeiro de 1842. Seu pai foi eminente teólogo que fêz o máximo no sentido de dar-lhe esmerada educação.

Laureado em Harvard, no ano de 1870, tornou-se prestigioso conferencista que discorria com admirável facilidade sôbre anatomia e fisiologia, especializando-se, posteriormente, em Psicologia e Filosofia.

William James fazia parte da comissão de hipnotismo e de fenômenos medianímicos, e, juntamente com o Governador Carnochan, apresentou em 1886, um resumo das experiências feitas entre os estudantes da Universidade de Harvard.

Foi o primeiro cientista que se ocupou em estudar a mediunidade da Sra. Piper, no ano de 1885. Os resultados obtidos despertaram o maior interêsse e, levaram ao estudo dos fenômenos o advogado Ricardo Hodgson e outros.

Referindo-se às experiências com a Sra. Piper, escreveu: "Quando a Sra. Piper está em transe, não posso resistir à convicção de que possue um conhecimento que não lhe foi revelado pelo uso ordinário dos seus olhos, dos seus ouvidos e da sua razão".

(Continua na pág. 2)

UNIFICAÇÃO

"Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade". A. Kardec. — O. Póstumas.

Decorridos apenas dez anos, após as demarches que culminaram no magno entendimento, muito justamente denominado "PACTO ÁUREO", materializou-se na abençoada Federação Espírita Brasileira, com tôda justiça a Casa Mãe do Espiritismo no Brasil, o grande Ideal de Unificação entre homens e Entidades espiritistas brasileiros.

O trabalho que culminou a 5 de outubro de 1949 vinha sendo consertado desde há algum tempo, constituindo-se objetivo dos Mentores Espirituais que inspiravam constantemente os trabalhadores de fé robusta para através da perseverança nos princípios básicos da Doutrina, arregimentarem-se e, vencendo tôdas as dificuldades, lutarem pela concretização de tão importante serviço.

Entretanto, o labor que Ismael realizava junto aos pupilos do Orbe, não poderia ficar isento da aberração do mal. Não faltaram, como não faltam aguerridos detratores, contumazes e intolerantes defensores de "pontos de vista", acérrimos lutadores enclausurados nos velhos bastiões do "eu" enfermiço, para apontarem suas armas contra a fôrça idealística de corações devotados ao Bem que envidavam todos os esforços no sentido de manter a unidade doutrinária no abençoado organismo espiritista.

Todos os cuidados foram tomados à época da arregimentação das diretrizes essenciais para a materialização do movimento. Procurou-se ouvir a opinião dos servidores que portavam belas folhas de serviço à Causa; cuidou-se de atender solicitações, sem, no entanto, tergiversar na linha básica do dever

(Continua na pág. 7)

MÊDO DAS PALAVRAS

Deolindo Amorim

Já tive ocasião de dizer, e não há nisto nenhuma novidade, que as palavras têm alguma coisa de parecido com as modas: o esplendor e o crepúsculo. Há palavras que, durante certo tempo, são usadas até demais, quando não se prestam para os exibicionismos verbais; depois, como que saem da circulação, ficam no arquivo das velharias linguísticas. Não deixa de ser curioso, até certo ponto, o destino de algumas palavras... Já se tem dado até o caso de uma palavra ser quase imposta por injunções sociais e políticas. A História guarda alguns dêsses casos.

Quem é que não sabe que a palavra *cidadão* já foi, entre nós, e não faz muitos anos, quase de uso obrigatório como forma de tratamento? Por causa da Revolução Francesa, cujo lema — *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* — contagiara boa parte do mundo e também fizera correr mui-

(Conclue na pág. 2)

31 DE MARÇO

MARÇO é o mês do Espiritismo. Em 31 de março de 1848, produziram-se os memoráveis fenômenos de Hydesville, com as irmãs Fox, que deram origem ao atual Movimento Espiritista em todo o Mundo. Em 31 de março de 1869, 21 anos mais tarde, desencarnava em Paris, Allan

Kardec, o Codificador das idéias espíritas.

Dêsses acontecimentos singulares, partiram tôdas as fôrças do Espiritismo. Foram êles que despertaram a humanidade para um novo senti-

(Continua na pág. 5)

WILLIAM JAMES

(Conclusão da página 1)

Reitor da Universidade de Harvard, teve a honra de ser um dos que mais protestaram contra a atitude da ciência oficial diante dos fenômenos psíquicos. Em seus "Princípios de Psicologia", escreveu: "a ausência de estudos sérios em tôrno das manifestações espíritas é uma das grandes lacunas da psicologia".

Em seu elogio a Myers, William James conta, com bom humor, o fracasso tido com cinco colegas universitários que êle queria levar diante de um médium, para a constatação dos fenômenos. Todos declinaram do convite, e não obstante "um dêsses sábios, que nunca viu e nem quer ver nunca êsses fenômenos medianímicos, está sendo considerado no exterior, como crítico autorizado na matéria".

Suas obras foram numerosas, salientando-se: "A Vontade de Crer", "A Imortalidade Humana", "A Variedade da experiência religiosa". "Pragmatismo", "A Filosofia da Experiência", "Estudos e Reflexões de um Psiquista" e Princípios de Psicologia".

Eleito presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, para o período de 1894-95, compôs importante discurso que foi lido por Myers, em 31 de janeiro de 1894.

Um ano antes da sua desencarnação, publicou James no "American Magazine", um artigo que intitulou: "Confidências de um Psiquista", e que hoje faz parte do seu livro "Estudos e Reflexões de um Psiquista". Nêsse artigo, escreveu: "Quando uma teoria — dizia Jeffries Weyman — aparece sem cessar nas discussões e tôdas as vêzes que a crítica ortodoxa a enterra, ela aparece cada vez mais sólida e mais difícil de destruir, podeis estar seguros de que nela há uma parcela de verdade. Muitas vêzes a ciência "matou" os espíritos como uma das muitas superstições populares, no entanto, nunca se falou nêles com tanta freqüência como agora, nem com tantas aparências de autenticidade".

Dentro de poucos anos era professor de Filosofia e nos primórdios dêste século havia se convertido em célebre e solicitado conferencista, hábil, profundo e delicado. Em Edimburgo e Oxford, suas palestras atraiam enorme multidão, principalmente depois da publicação da sua obra: "Princípios de Psicologia".

Sua autoridade e prestígio cresceram de modo espantoso como filósofo, pensador e literato. A elegância das suas analogias, a beleza do seu estilo, livres de convencionalismo, fizeram com que fôsse objeto das atenções do Dr. Janet e do grande literato Frederico G. E. Myers, que figurou em primeiro plano na fundação da célebre Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, tendo ambos influenciado de modo decisivo para que William James iniciasse seus estudos psíquicos.

Foi depois que grandes sábios tais como Alfredo Russell Wallace e César Lombroso, passassem do mais intransigente materialismo para a crença na sobrevivência da alma, que William James, doutor em medicina e já professor de psicologia da Universidade de Harvard, se sentiu realmente atraído para as investigações dos fenômenos espíritas.

Do cepticismo mais recalcitrante, passou James, pela evidência dos fatos, a aceitar os fenômenos mediúnicos, fundando-se por sua iniciativa, em 1884, nos Estados Unidos da América do Norte, a filial da Sociedade Britânica de Estudos Psíquicos, tendo os seus primeiros participantes sido Newcomb, Stanley Hall, Pickering, Peirce, Royce e outros.

INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil, com sede à rua dos Andradas, 96, 12.º andar, Rio de Janeiro, tem como objetivo básico:

— organizar e ministrar cursos regulares da Doutrina Espírita, em conexão com as matérias que tenham relação com o Espiritismo ou possam servir de elemento subsidiário para ampliar a cultura espírita;

— promover conferências, seminários e outros meios que se fizerem necessários para o estudo e a divulgação da Doutrina Espírita;

— tomar quaisquer iniciativas que tenham por objetivo ressaltar o valor cultural do Espiritismo ou preservar-lhe a integridade moral e doutrinária.

Todos os cursos do I.C.E.B. são ministrados gratuitamente.

O programa para o ano de 1960 abrange o seguinte:

3.º Ano — Aula de abertura: 26 de março, 17 horas. Local: Auditório do Ministério da Educação e Cultura. Início das aulas normais: 2 de abril, sábado, 16 horas. Local: rua dos Andradas, 96 — 12.º andar.

Matérias:

Conseqüências do Espiritismo — Deolindo Amorim, Noções Gerais de Astronomia — Eng. Renato Pinheiro, História da Filosofia — Prof. Newton de Barros, História das Religiões — Cel. Delfino Ferreira, Elementos de Fisiologia — Dr. Túllio Chaves, Literatura Espírita — Prof. José Jorge, História das Religiões — Cel. Delfino Ferreira, Psicologia — Dr. Lauro S. Tiago.

Seminários — 30 de abril — 30 de julho e 29 de outubro.

Curso especial de português — Prof. Leodegário Azevedo. Nomenclatura gramatical — 2.º sábado, das 18 às 19 horas.

Freqüência Livre.

Encerramento das aulas — 26 de novembro.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO ESPÍRITA

Teve lugar, na tarde de 28 de fevereiro, na sede do Centro Espírita Obreiros do Senhor, à rua Francisco Dias, 740, nesta Capital, mais uma festa de confraternização espírita, preparatória da 2.ª Semana Espírita de São Paulo.

A festividade contou com a presença de elevado número de pessoas, tendo composto a mesa os seguintes confrades: Da. Margarida S. Paganello, Milésio Martins Romero, Walter Delboni, Oswaldo Santos, Carlos D'amico, Êrolus Ferrari, José Alonso Garcia e Paulo Alves de Godoy, tendo êste último sido o orador oficial.

Um programa artístico muito bem preparado deu maior brilho à essa festa de espiritualidade.

O nosso confrade José Alonso Garcia, do Conselho Metropolitano Espírita, da USE, presidiu a reunião, tendo enaltecido o trabalho que está sendo feito em prol da 2.ª Semana Espírita de São Paulo, que terá lugar no mês de julho próximo.

MÊDO DAS PALAVRAS

(Conclusão da página 1)

to sangue, o tratamento de *cidadão* passou a ser usado no sentido amplo de igualdade ou nivelamento social, como oposição á nobreza deposta. O Positivismo instituiu, no Brasil republicano, a generalização dessa forma democrática. Tempo houve em que se abusou tanto da palavra *cidadão*, nos discursos, nos manifestos políticos e até nas relações da vida social, que o excesso provocou o sarcasmo de alguns críticos. O próprio Ruy Barbosa, que divergiu muito dos positivistas na organização do regime republicano, fêz críticas diretas ao radicalismo de Miguel de Lemos e outros discípulos ilustres de Augusto Comte pelo fato de fazerem questão capital do *cidadão*, em tudo por tudo, como se fôsse uma palavra mágica.

A propósito do tratamento de *cidadão*, contou-me o nosso ilustrado confrade e meu amigo Dr. Moreira Guimarães (é homônimo, foi amigo pessoal, mas não é parente do general Moreira Guimarães, positivista dos mais eminentes do Brasil e antigo Grão Mestre da Maçonaria) um episódio muito interessante, ocorrido na Biblioteca Nacional. Tendo-se dirigido, ali, a determinado consulente, que era, por sinal, uma figura apostolar do Positivismo, o nosso confrade Moreira Guimarães, ainda bem moço quando se verificou essa passagem, dera a êsse consulente o tratamento de *doutor*, aliás muito usual. O protesto não se fez demorar, pois o visitante repeliu o aristocrático *Dr.* e pediu insistentemente que o chamássem sempre de *cidadão*, segundo o genuíno espírito republicano. Nada de títulos que pudessem criar distinções entre os homens! A República era igualitária, e todos, portanto, eram apenas *cidadãos!* Republicano é *Liberté, Igualité*, o cidadão positivista não queria, de forma alguma, ser apontado como um homem diferente ou possuidor de título aristocrático. Era um modo de ver, uma posição dos positivistas históricos, nas primeiras décadas da República.

Veja-se, por aí, a influência que os fenômenos sociais podem ter na semântica ou no sentido de certas palavras, como também a influência que algumas palavras, por sua vez, podem exercer nas reações de determinados grupos e homens. Com o tempo, entretanto, a palavra *cidadão* passou a ter emprêgo muito reduzido e, atualmente, já não é usada com a ênfase com que o fôra nas primeiras etapas do regime republicano. Depois do esplendor, vem a decadência, tal qual se dá com a moda, como também com a carreira de muitos homens, que ainda se iludem com as glórias da terra.

O pior de tudo é quando, ás vêzes, ocorre um fenômeno contrário: certas palavras como que causam mêdo ou provocam ojeriza, aliás inexplicável. É o que está acontecendo, atualmente, com algumas palavras, cuja adoção alguns círculos espíritas estão *condenando*, sem se saber porquê... Implica-se, por exemplo, com a palavra *cultura*, como se esta palavra tivesse alguma significação herética ou imoral. Afinal de contas, o Espiritismo é ou não é cultura? Se o Espiritismo é uma doutrina de tríplice aspecto — *científico, filosófico* e *religioso* — evidentemente, lògicamente, necessàriamente tudo isto exige cultura. Que mal faz a palavra cultura? Alega-se que a idéia de *cultura* pressupõe "academicismo", "vaidade", "intelectualismo" etc., e tudo isto vem contrariar a humildade evangélica. Isto é falso, inteiramente falso, porque o próprio Jesus, que foi um modêlo de humildade, aconselhou o estudo, quando disse: "Buscai a Verdade, e a Verdade vos libertará". Será que a Verdade cai do céu ou vem de presente para o homem, sem estudo, sem trabalho, sem preparação adequada? Não é isto o que ensina a doutrina espírita. Está dito, e de modo muito claro, n'*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, uma das obras básicas da doutrina, que o homem precisa recorrer á ciência a fim de encontrar os recursos indispensáveis ao seu bem-estar. O Evangelho não manda desprezar a ciência nem a cultura.

A humildade ou a falta de humildade não está nas palavras, mas no sentimento, na intenção do homem. As palavras, em si, são neutras, pois os homens é que lhes dão sentido especial, de acôrdo com as circunstâncias. Uma sociedade pode ter o nome de *academia*, ou seja lá o que fôr, e ser composta de homens simples, sem nenhuma empáfia, como também um centro com o nome de *grupo dos humildes discípulos de Jesus* pode ser um cenáculo de indivíduos arrogantes, embora disfarçados. O mundo tem muito destas coisas...

A palavra *cultura*, com a qual tanto se tem implicado ùltimamente, se ajusta muito bem ao Espiritismo, que é uma doutrina séria e, ainda mais, uma doutrina que toca em diversos ramos do conhecimento humano, como disse Kardec. O desprêzo com que se tem tratado a *cultura* faz até lembrar o que se deu, em tempos muito recuados, com a Igreja Romana, cujos padres foram proibidos de ler os clássicos. Já houve uma fase, aliás muito remota, em que a gramática, a lógica, a perquirição, tudo, enfim, que desse a idéia de cultura era vedado aos sacerdotes. Isto, porém, foi nos tempos antigos. Mais tarde, como se sabe, a própria Igreja começou a sentir a necessidade da cultura, e ela própria incrementou a fundação de Universidades na Europa e na América. Será que se pretende, no seio de certas coletividades espíritas imitar êsse período de obscurantismo, que já ficou muito para trás? É o que parece, pois ainda se encontram artigos, em jornal espírita, combatendo a cultura e a organização de *cursos* regulares de doutrina. Não foi Allan Kardec quem preconizou a criação de estudo regular do Espiritismo em *curso?* Claro que sim. Por que, pois, tentar obstruir o caminho do estudo e da cultura, sob a falsa e pueril alegação de que o Espiritismo precisa é de Evangelho e não de cursos regulares? E o estudo do Evangelho não depende de cultura? E não é o Espiritismo uma doutrina de base científica Como é que se pode entender ciência sem cultura; filosofia sem estudo regular; religião sem conhecimento suficiente do fenômeno religioso? E tudo isto não é, em suma, um apêlo á cultura?

Não encontro, francamente, nenhum fundamento, na doutrina espírita, para se *condenar* a instituição de *cursos* regulares de Espiritismo, pois se trata de uma necessidade, que a própria doutrina está fazendo sentir, de dia para dia. A Igreja Católica está preocupada com as Universidades, para não ficar á margem da evolução cultural; o Protestantismo, a seu turno, também está procurando melhorar cada vez mais o nível de preparo de seus pregadores. E o movimento espírita? Deve ficar de lado, como se a doutrina estivesse desatualizada?... Não! Combater as iniciativas culturais e a organização de *cursos* no meio espírita, nesta época, de tanta preocupação cultural, é não ter visão exata do sentido progressivo da doutrina ou não querer sentir as exigências de nossa época. Chega-se a pensar, por incrível que pareça, que a palavra cultura ou a palavra *curso* causa mêdo!...

EM TÔRNO DA HISTÓRIA

JOANA D'ARC, MÉDIUM

A vida de Joana D'Arc, a portentosa médium que surgiu na Idade-média, tem sido controvertida pela influência de espíritos interesseiros que sempre desejam isentar a igreja predominante de responsabilidade pela sua condenação.

Sem apelarmos para uma obra existente na bibliografia espírita, intitulada "Joana D'Arc, Médium", que retrata de modo bastante fiel a vida agitada e o incrível processo da Donzela de Orleans, daremos aos nossos leitores alguns dados fornecidos pelo "historiador da Idade-Média", Jules Michelet, que em 1881 exerceu o elevado cargo de chefe da Secção Histórica dos Arquivos de França, em tôrno do processo e do sacrifício daquela grande inspirada.

Joana D'Arc fôra aprisionada a 23 de maio de 1430. Era preciso tê-la, tirá-la das mãos dos borgonheses. A 26, uma missiva parte de Ruão, em nome do vigário da inquisição, para intimar o duque de Borgonha e João de Ligny, que haviam comprado a prisioneira, a entregá-la, alegando ser uma mulher suspeita de feitiçaria. O belicoso cardeal Winchester, para minorar os revezes que vinha experimentando, resolveu patrocinar o processo queimando esta diabólica Donzela. A inquisição não tinha muito poder em França, entretanto, Ruão estava sob o terror do todo-poderoso cardeal. Warwick havia sido nomeado por êsse prelado para educar o rei e vigiar o processo de Joana. A carta do monge da inquisição era uma peça de pouco pêso, fêz-se escrever ao mesmo tempo á Universidade. Parecia difícil que as Universidades ajudassem de bom coração um processo de inquisição papal, no momento em que iam guerrear na Basiléia contra o papa, Winchester era chefe do episcopado inglês e tinha à sua mesa um bispo que julgaria ou juraria tanto quanto preciso fôsse: Pedro Cauchon, bispo de Beauvais. A invasão da França do Norte por Carlos VII, tornara-se funesta á Cauchon,, quem queria reter Beauvais sob o domínio inglês e foi expulso pela população.

O arcebispo de Ruão acabava de ser transferido alhures; Winchester recomendou-o ao papa para aquêle posto. Achava-se muito a propósito que a Donzela fôra aprisionada nos limites da diocese de Cauchon, não, é verdade, na diocese mesma, mas fêz-se crer que assim era. Cauchon, escreveu pois, como juiz ordinário, ao rei de Inglaterra, para avocar êste processo; e, a 12 de junho, uma carta real fez saber à Universidade que o bispo e o inquisidor julgariam junta e concorrentemente. Os processos da inquisição não eram os mesmos que os dos tribunais ordinários da igreja. Cauchon foi portador de uma carta reclamando a prisioneira ao duque de Borgonha e João de Ligny (14 de julho), e na qualidade de bispo, fez uma intimação para que lhe fôsse entregue uma prisioneira sôbre a qual tinha jurisdição. Neste ato estranho, passa do papel do juiz ao de negociador, e fez ofertas de dinheiro: embora esta mulher não possa ser considerada como prisioneira de guerra fizeram altas ofertas para obterem a sua entrega, e exaltando essa oferta dizia: **"Tanto, diz êle, quanto se daria por um rei ou príncipe, consoante o uso de França".**

Os inglêses além disso tomaram medidas mais drásticas, interditando aos negociantes inglêses os mercados dos Países-Baixos, a-fim de golpear o duque de Borgonha, conde de Flandres, por um lugar mais sensível.

Carlos VII tinha prisioneiros em suas mãos, poderia usá-los para reaver a Donzela, no entanto nada tentou, nem ameaçou com represálias.

A Donzela havia tentado fugir da tôrre de Beaulieu. Em Beaurevoir, a tentação de fuga foi mais veemente. Consultava suas vozes e não obtinha outra resposta senão que era preciso sofrer, **"que não seria libertada sem ter visto o rei dos inglêses".** — Mas, dizia ela em si mesma, Deus deixará morrer esta pobre gente de Compiègne?" Sob essa forma de profunda compaixão, a tentação venceu. Por mais que as suas vozes dissessem, pela primeira vez não as ouviu; lançou-se da tôrre e caiu ao pé, quasi morta. Carregada, tratada pelas damas de Ligny, queria morrer e ficou dois dias sem comer.

No dia 1.º de novembro, conforme predissera, Compiègne foi libertada.

O duque de Borgonha, derrotado em Germiny (20 de novembro), inteiramente humilhado, reforçou sua aliança com os inglêses, entregando-lhes Joana.

O cardeal Winchester, vendo a derrocada de sua máquina de guerra, desviou sua política para duas finalidades específicas: Sagrar Henrique e deshonrar Carlos VII, provando que fôra levado à sagração por uma feiticeira; e o processo da Pucela.

O bispo de Cauchon não tinha muita pressa, parecia-lhe duro e contraproducente começar a tarefa, quando o salário era ainda incerto.

A 3 de janeiro de 1431, o cardeal proferiu uma ordenança em que fazia ao rei "que tendo sido disso requerido pelo bispo de Beauvais, exortado por sua cara filha da Universidade de Paris, ordenava aos guardas de **CONDUZIR A INCULPADA AO BISPO".**

A 9 de Janeiro, Cauchon abriu o processo em Ruão. Fez sentar-se perto dêle o vigário da inquisição, e estreou tendo uma espécie de consulta com oito doutores licenciados em Ruão. As informações tomadas pelos inimigos da Donzela, não pareceram suficientes aos legistas, e o bispo em face da precariedade de seus argumentos, resolveu mudar a definição do processo, transformando-o de PROCESSO DE MAGIA em PROCESSO DE HERESIA. O cardeal não se fiava em ninguém e êle próprio se estabelecera em Ruão para instrumentar o bispo.

O passo primaveral era garantir-se do monje que representava a inquisição, Cauchon, tendo reunido os seus assessores, padres e doutores, na casa de um monge, chamou o dominicano e intimou-o a ajuntar-se a êle.

O fradinho respondeu, tìmidamente, que **"se seus poderes eram julgados suficientes, faria o que devia fazer".** O bispo não deixou de declarar os seus poderes muitos suficientes. O monge objetou que por escrúpulos de consciência desejaria abster-se de tomar parte no processo. O cardeal fez abonar-lhe vinte soldos de ouro por seus trabalhos, e como o monge mendicante nunca vira tanto dinheiro junto, se decidiu.

A 21 de fevereiro, Joana foi trazida diante dos seus juízes. O bispo admoestou-a a dizer a verdade sôbre o que lhe perguntariam. Resposta: **"Não sei sôbre o que me quereis interrogar, poderíes bem perguntar-se tais coisas que vos não direi".** — Consentia jurar de dizer a verdade **sôbre tudo o que não tocava suas visões. "Mas, para êste último ponto, disse ela, cortar-me-eis de preferência a cabeça." Não obstante, levaram-na** a jurar de responder **"sôbre o que tocaria a fé".**

Novas insistências no dia 22 de fevereiro, e ainda a 24. Resistia sempre: **"É a palavra das criancinhas, que se prende amiúde as pessoas por terem dito a verdade".** Acabou, vencida pelo cansaço, por consentir jurar **"de dizer o que souber sôbre o seu processo, mas não tudo quanto souber".** Interrogada sôbre a sua idade, diz que tem aproximadamente dezenove anos. **"No lugar onde nasci, chamavam-me Joaninha e em França Joana..."**

Queixava-se de ter os ferros às pernas. O bispo disse-lhe que, visto ter tentado várias vêzes de fugir, se foi obrigado a meter-lhe os ferros. **"É verdade, disse ela, eu o fiz; é coisa lícita a todo prisioneiro. Se pudesse fugir, não me poderiam censurar de ter falseado a minha fé, nada prometi."**

Ordenou-se lhe de dizer o "Pai Nosso" e a "Ave Maria", com a idéia supersticiosa que, se estava votada ao "diabo", não poderia pronunciar essas orações. **"Dir-la-ei de boa-vontade, se monsenhor de Beauvais quer ouvir-me em confissão".** Cauchon recusou. Levantou a sessão para êste dia, e no dia seguinte, não interrogou êle mesmo; encarregou um dos assessores.

A quarta sessão, ela estava animada de uma vivacidade estranha. Ouvira as vozes que lhes disseram: **"Pede a Nosso Senhor".** Que mais disseram elas? perguntaram-lhe. — **"Que vos respondam audazmente"!**

Na sessão seguinte disse: **"Venho da parte de Deus, nada tenho que fazer aqui, mandai-me de novo a Deus, de quem vim..."** — "Dizeis que sois meu juiz; atendei bem ao que fareis, pois verdadeiramente sou enviada de Deus, vós vos meteis em grande perigo".

(Continua na pág. 4)

Moço espírita! Se você colaborar ativamente, será um êxito absoluto a XIII concentração de mocidades espíritas a realizar-se em Campinas, de 14 a 17 de abril de 1960.

Jovem espírita! Ajude a realizar com êxito, em Campinas, no ano de 1960, a XIII concentração de mocidades espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo.

Nosso Aniversário

Com o presente número "UNIFICAÇÃO' termina a tarefa que se propôs realizar em seu 7.º ano de vida. Dentro dêsses laboriosos 12 meses foram publicadas 96 páginas, tôdas elas dedicadas aos ideais que norteiam o Movimento de Unificação e a Terceira Revelação. O programa que o Departamento de Publicidade da U.S.E. traçou para êsse período foi levado a bom têrmo, graças aos esforços e à boa vontade de todos quantos, com abnegação verdadeiramente cristã, emprestam o máximo de cooperação à implantação dos princípios unificacionistas.

Órgão oficial da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, "Unificação" procurou honrar a instituição de que é filho, disseminando, na medida de suas fôrças, os consagrados postulados de união da família espírita e ao pisar o limiar do seu 8.º ano de vida, pretende ter seu aspecto ainda mais melhorado, dependendo isso porém do auxílio que lhe fôr dispensado pelos seus inúmeros amigos e simpatizantes.

Que Jesus continue a amparar os nossos propósitos.

OS DEZ MANDAMENTOS

— II —

Rodolfo Calligaris

Preceitua o 4.º mandamento:

"LEMBRA-TE DO DIA DE SÁBADO, PARA O SANTIFICARES. SEIS DIAS TRABALHARÁS E FARÁS TÔDAS AS TUAS OBRAS, MAS O SÉTIMO DIA É O SÁBADO, ISTO É, O DIA DO DESCANSO DO SENHOR TEU DEUS. NÊSSE DIA NÃO FARÁS OBRA ALGUMA, NEM TU, NEM TEU FILHO, NEM TUA FILHA, NEM TEU ESCRAVO, NEM TUA ESCRAVA, NEM TEU ANIMAL, NEM O PEREGRINO QUE VIVE DE TUAS PORTAS PARA DENTRO".

Êsse mandamento encerra várias recomendações.

Uma delas, a de trabalhar seis dias da semana, pois o trabalho é não só uma necessidade para a conquista da subsistência, como também o fautor do desenvolvimento dos seres e do progresso universal.

Longe de ser um castigo, o trabalho é o mais nobre dos deveres; cumpri-lo, é, pois, uma fonte de satisfações, como o é o cumprimento de tôda e qualquer obrigação.

Outra, a de guardar um dia na semana para o descanso, eis que seis dias em cada sete são mais que suficientes para prover o indispensável ao bem-estar corporal.

Essa lei humanitária, releva frisar, deve ser aplicada em favor de todos, inclusive dos servos e dos animais, porquanto também êles precisam de repouso para o refazimento de suas energias.

Outra ainda, a de santificar êsse dia de descanso, consagrando-o ao recolhimento, ao convívio com Deus por meio da oração, à prática das boas ações, enfim ao cultivo da vida espiritual.

A substituição do descanso no sábado, como era observado entre os judeus, pelo domingo, como atualmente é de uso entre nós, parece-nos de somenos importância. Isso começou com os primeiros cristãos. Êles continuavam a freqüentar as sinagogas no sábado, mas, a par disso, tomaram o hábito de reunir-se também no primeiro dia da semana judaica (domingo), a fim de celebrar a ressurreição do Senhor. Com o decorrer do tempo, foram deixando de comparecer às sinagogas e, conseqüentemente, apenas o domingo passou a ser observado por êles.

Os que advogam a observância do sábado, talvez se apóiem nas razões anexas do 4.º mandamento, conforme o Êxodo: "Porque o Senhor fêz em seis dias o céu, a terra, o mar, e tudo o que nêles há, e descansou ao sétimo dias por isso o Senhor abençoou o dia sétimo, e o santificou'.

Sabe-se hoje, entretanto, que os seis "dias" da criação não foram dias de 24 horas, como alguns ainda supõem, mas seis longos períodos milenares.

Além disso, em Deuteronômio, as reflexões aduzidas para recomendar êsse mandamento são outras, bem diferentes: "Para que descanse o teu escravo, e a tua escrava, como tu também descansas. Lembra-te de que também tu serviste no Egito, e que de lá te tirou o Senhor teu Deus, *com mão poderosa e com braço estendido".*

Como se vê, aqui não se alude ao sábado como sendo o dia em que o Senhor descansou de sua obra; apela-se, simplesmente, para os sentimentos de gratidão e caridade dos judeus para que, nêsse dia, concedam o merecido descanso também ao elemento servil.

O decálogo, conforme foi dito, baseia-se na lei natural e o descanso semanal não é mais que uma questão de higiene. Portanto, quer guardemos o sábado (sábado significa descanso), *ou o domingo, o que importa é que o façamos segundo o* espírito *da lei.*

(Continua na pág. 4)

LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

— Uma organização a Serviço do Espiritismo —

A mais completa LIVRARIA Espírita do Estado — Livros de tôdas as Editôras Espíritas do país — Coleção das obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier — Emmanuel — André Luiz — Irmão X — Clássicos dos grandes escritores da Codificação: Allan Kardec, León Denis, Delanne, Flammarion, Gibier, Bozzano, Crookes, etc.

Livros raros e esgotados, em diversos idiomas

Flâmulas — Estampas — Fotos de Vultos do Espiritismo e demais "Souvenirs" referentes a Congressos, Concentrações e Semanas Espíritas.

Agentes autorizados de "MUNDO ESPÍRITA", "O CLARIM", "A NOVA ERA", "REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO" e outras publicações doutrinárias.

Descontos especiais aos Centros e Sociedades Espíritas para a formação de bibliotecas e Cursos de Estudos.

Direção de: VICENTE S. NETO.

RUA QUINTINO BOCAIUVA, 161 — 4.º ANDAR — SALAS 2 e 3 — FONE: 36-3146
CAIXA POSTAL, 4921 — SÃO PAULO — (Expediente das 8 às 19 horas)
SERVIÇO DE REEMBÔLSO POSTAL

JOANA D'ARC, MÉDIUM

(Continuação da página 3)

Essa simplicidade heróica e cristã de Joana, assombrou os acusadores.

Na quinta sessão o bispo perguntou-lhe: **"Joana, como tendes passado desde sábado?"** — Vós o sabeis, diz a pobre prisioneira carregada de ferros, **"o melhor que pude"**.

Os assessores do processo, variam em cada sessão; alguns se vão, outros vêm. O lugar dos interrogatórios varia do mesmo modo, a acusada, interrogada primeiro na sala do castelo de Ruão, é agora na prisão.

O bispo levava agora sòmente dois assessores e duas testemunhas, "para não fatigar os outros. (10 a 17 de março). Estava seguro do apôio da inquisição, o vigário recebera enfim do inquisidor geral de França a autorização de julgar com o bispo (12 de março).

Nos novos interrogatórios, insta-se sòmente sôbre alguns pontos prèviamente indicados por Cauchon: **"As vozes ordenaram-lhe esta saída de Compiegne em que foi aprisionada?"** — Não responde diretamente: **"As santas disseram-me que seria aprisionada antes da festa de S. João, que era preciso que assim fôsse, e não devia surpreender-me, mas aceitar tudo resignadamente e Deus me ajudaria..."**

"Pois que Deus assim o quis, é para melhor que fui aprisionada".

"Crede ter feito bem de partir sem a permissão de vosso pai e mãe? Não se deve honrar pai e mãe?" — Perdoaram-me. — "Pensai pois não ter pecado agindo assim?" — Deus o ordenava; "quando tivesse cem pais e cem mães, mesmo assim partiria".

"As vozes não vos chamaram filha de Deus, filha da igreja, a filha ao grande coração. Joana retrucou: **As vozes me chamavam de "Joana a Donzela, filha de Deus".**

Perguntaram-lhe: **"As vozes odeiam os inglêses. — Amam o que Nosso Senhor ama e odeiam o que êle odeia. — Deus odeia os ingleses? — Do amor ou ódio que Deus tem pelos ingleses e o que faz de suas almas, nada sei; mas sei muito bem que serão expulsos de França, exceto os que aí morrerem".**

Um outro dia acrescentou: **"As vozes dizem-me tudo resignadamente, não te preocupes de teu martírio; virás enfim ao reino do paraíso". — E depois que disseram isso, estais segura de ser salva e não ir para o inferno? — Sim, creio tão firmemente o que me disseram como se já estivesse salva.**

Perguntaram-lhe se queria conformar-se de todos seus ditos e feitos à determinação da Igreja. Ao que respondeu: **"Amo a igreja e queria sustê-la de todo meu poder. Quanto às boas obras que fiz, devo confiar-me ao Rei do céu, quem me enviou".**

Disseram-lhe então que era preciso distinguir; que havia a **"igreja triunfante". Deus, os santos, as almas salvas, e a "igreja militante". o Papa, os cardeais, o clero, os bons cristãos. — Não quereis pois submeter-vos à igreja militante? — Vim ao rei de França de parte de Deus, de parte da virgem Maria, dos santos e de igreja vitoriosa lá em cima; a esta igreja, submeto-me, eu, minhas obras, o que fiz ou farei. — E à igreja militante? — Não responderei agora nada mais.**

Joana afirmou: **"em certos pontos, não acredito nem em bispo, nem em papa, nem em ninguém,** o que tenho, recebi-o de Deus.

A igreja **militante** era uma igreja armada, de gládio a dois gumes, voltado contra os indóceis, os que se mostravam contrários à sua autoridade. Sua autoridade era terrível e implacável, principalmente quando exercida por bispo do quilate de Cauchon.

Os próprios amigos do bispo, entre êles João de La Fontaine, acharam que deveriam em sã consciência conceder um defensor à Donzela. Três dos assessores visitando Joana na prisão aconselharam-na à apelar para o papa.

Cauchon quando soube, interpelou o guarda sôbre quem ali estivera. Os assessores, é desnecessário dizer, estiveram em perigo de vida e desapareceram. A última imagem do direito assim desaparecia.

João Lohier, asseverou que o processo não estava em forma, que os assessores não estavam livres, que se procedia à porta fechada, que a acusada, simples moça, não era capaz de responder sôbre tão grandes coisas e a tais doutores. Enfim, o homem da lei ousou dizer ao homem de igreja: "É um processo contra a honra do príncipe a cujo partido esta moça pertence; seria necessário chamá-lo também e dar-lhe um defensor.

Essa gravidade intrépida, teve como conseqüência a partida imediata de Lohier, para Roma, deixando o bispo Cauchon livre e desembaraçado.

Os membros da igreja, consultados, tinham opiniões divergentes; o bispo de Lisieux ao confessar que as revelações de Joana podiam ser-lhe ditadas pelo "demônio", acrescentou que podiam ser **"simples mentiras"**, e se não se submetesse à igreja devia ser julgada cismática e veementemente suspeita na fé...

Era um espetáculo inédito ver êsses teólogos, êsses doutores da igreja, trabalhar com tôda fôrça que possuíam em arruinar o que fazia o fundamento de sua doutrina e o princípio religioso da Idade-Média em geral, a crença nas revelações, na intervenção dos seres sobrenaturais... Duvidavam da intervenção dos anjos; mas a sua fé no **"diabo"** era tôda inteira.

Joana ficara doente. Suas aparições mudaram, foram substituídas pelo anjo Gabriel.

O apêlo ao papa — o socorro que esperara anciosamente — não chegou; **a porta não se abriu.**

Levaram-na diante de uma assembléia de **"doutores de igreja, cleros, e letrados em direito divino e humano, e todos "benignos e piedosos"** queriam proceder de modo a colocá-la no **"caminho da salvação"**. A acusada, em presença desta assembléia, na qual não achava um rosto amigo, respondeu com doçura: **"No que me admoestais de meu bem e de minha fé, agradeço-vos; quanto ao conselho que me ofereceis, não tenho intenção de afastar-me do conselho de Nosso Senhor".**

"Creio bem que nosso padre, os bispos e outras gentes de igreja são para guardar a fé cristã e punir os que faltam. Quanto aos meus feitos, não me submeto senão à Igreja do céu, à Deus e à Virgem, aos santos e santas do paraíso. Não cometi falta na fé cristã, e não quererei cometer". "Prefiro morrer que revogar o que fiz por ordem de Nosso Senhor.

O que pinta a época, o espírito ininteligente dêstes doutores, seu cego apêgo à letra sem estima ao espírito, é que nenhum ponto lhes parecia mais grave que o pecado de ter tomado uma roupa de homem. Observaram-lhe que, segundo os cânones, os que mudavam assim a roupa de seu sexo, são abomináveis diante de Deus. Insistindo os juízes para que deixasse esta vestimenta, respondeu: **"Que não estava nela dizer quando podia deixá-la.**

— Mas se vos privam de ouvir a missa? — Pois bem! Nosso Senhor pode muito bem fazer-me ouvi-la sem vós. — Desejaries tomar o vestido de mulher para receber vosso Salvador na Páscoa? — Não, não posso deixar êste vestuário para receber meu salvador, não faço nenhuma diferença desta vestimenta ou de outra".

A pobre moça não ousava dizer como estava em sua prisão, em que perigo contínuo. Três soldados dormiam no seu quarto, três dêstes salteadores aos quais se chamava "atormentadores". É necessário dizer que acorrentada a uma viga por grossa corrente de ferro, estava quasi à mercê dêles; a vestimenta de homem que lhe queriam fazer deixar era tôda sua salvaguarda. Que dizer da imbecilidade do bispo e de sua terrível conivência?

Sob os olhos de seus soldados, entre os seus insultos e derisões, era além disso espionada de fora; o cardeal Winchester, o inquisidor e o bispo, tinham cada um uma chave da tôrre e a observavam a cada hora; havia-se muito de propósito furado a muralha.

Colocaram até espiões, um padre chamado Loiseleur, que se fingiu seu amigo, foi ali introduzido para espioná-la, receber sua confissão, e escrivães escondidos tudo anotavam. Quando se deliberou que ela seria submetida à tortura Loiseleur foi um dos que aconselharam esta atrocidade.

O bispo de Beauvais enviara-lhe um peixe envenenado. Joana quasi sucumbiu, porém tratada a tempo se reanimou, não obstante permanecer em completa fraqueza. Os padres visitaram-na na prisão e disseram: **"Se quereis ter os sacramentos da igreja, é preciso fazerdes como os bons católicos, e submeter-vos à igreja.** Nada replicou. Os visitantes repetindo as mesmas palavras, obtiveram como resposta: **"Se o corpo morre em prisão, espero que o fareis sepultar em terra santa; se não o fizerdes, confio-me à Nosso Senhor".** — Dizeis que usai o vestuário de homem por ordem de Deus, e todavia quereis vossa camisa de mulher em caso de morte?" — Basta que seja longa. Esta comovente resposta mostrava bem que neste extremo estava muito menos preocupada da vida que do pudor.

O anjo Gabriel confortara-a, e êsse auxílio do Alto fêz com que ela se mostrasse indiferente à ameaça de tortura que lhe fizeram (11 de maio). **"Deus foi sempre o senhor do que fiz, o "diabo" não teve nunca poder sôbre mim"...** "Quando me farias arrancar todos os membros e a alma do corpo não direi outra coisa". O espírito resplandecia tanto nela que Chatillon êle mesmo, o seu último adversário, ficou comovido e se tornou seu defensor; declarou que um processo assim conduzido lhe parecia nulo.

O bispo Cauchon, fora de si, fê-lo calar.

Chegara-se a 23 de maio, Winchester não podia mais ficar em Ruão, era preciso acabar. Resolveu-se arranjar uma grande e terrível cena pública que pudesse ou assustar a obstinada, ou pelo menos levar o povo a embair-se.

A premeditada comédia teve lugar no cemitério da abadia de Saint-Ouen, sôbre um estrado tomaram assento o cardel Winchester, os dois juízes e 33 assessores, vários tendo os seus escribas sentados a seus pés. Sôbre outro estrado, entre os meirinhos e a gente de tortura, estava Joana com vestuário de homem; havia além disso um pregador e escrivões para recolher as suas confissões, o carrasco sôbre a carroça, etc.

Joana enfraquecida. Guilherme Erard era o pregador do dia, e dizia:

"É a ti Joana, que eu falo, digo-te que o teu rei é herético e cismático".

A estas palavras, a admirável moça, esquecendo todo seu perigo exclamou: **"Ouso bem dizer-vos e jurar sob pena de minha vida que é o mais nobre cristão".** — Fazei-a calar, gritou Cauchon.

Os presentes conjuravam-na a ter piedade de si própria. Os inglêses ameaçavam e se lamentavam da demora. O pregador dizia: **"Abjura, ou serás queimada!"** Assediada por todos os lados, não teve outra alternativa si não dizer: **"Pois bem! Assinarei".** Cauchon virando-se para o cardeal, pergunta-lhe o que era necessário fazer. O secretário do cardeal, tomou de uma pequena revogação de seis linhas (Cumpre aqui ressaltar que a que se publicou posteriormente, por ordem da igreja, tinha seis páginas). O secretário pegou-lhe a mão e fêz-lhe fazer uma cruz. A sentença do indulto era severa: **"Joana, nós vos condenamos por graça e moderação a passar o resto de vossos dias em prisão, com pão de dor e água de angústia, para ai chorar vossos pecados".** Quais foram a surprêsa e o desespêro de Joana quando o bispo disse friamente: **"Levai-a para donde a trouxestes!"**

Joana havia sido vilmente enganada. Na prisão um nobre inglês, o lorde condestável, conde de Stafford, segundo o depoimento de Martinho Ladvenu, empreendera a abominável tarefa de a violar, acorrentada, e, não o conseguindo tê-la-ia espancado.

Na quarta-feira, o bispo Cauchon enviou-lhe um confessor, Martinho Ladvenu, **"para lhe anunciar a morte e induzir à penitência".** E quando anunciou à Donzela a morte de que devia morrer neste dia, começou à exclamar dolorosamente, a distender-se e arrancar os cabelos:

"Ai de mim! tratar-me-ão assim horrível e cruelmente, que seja preciso que o meu corpo nítido e inteiro, que jamais foi corrompido, seja hoje consumido e reduzido a cinzas! Oh! preferiria ser decapitada sete vêzes do que ser assim queimada... Oh! protesto perante Deus, o grande juiz, contra as injustiças e agraves que me fazem! Divisou o bispo e disse-lhe: **"Bispo, sois vós que me matais..."**

(Conclue na pág. 6)

KARDEC E O EVANGELHO

VINICIUS

Allan Kardec foi, em todo o sentido, um homem bem equilibrado. Sua razão e seu coração funcionavam em perfeita harmonia. Por isso, a obra que empreendeu apóia-se em fundamentos sólidos, satisfazendo às justas aspirações do espírito. Se Kardec deixasse de atender à inteligência, atendo-se exclusivamente ao sentimento, sua obra seria incompleta. De outra sorte, se a vaidade lhe tivesse ofuscado o entendimento, fazendo que se preocupasse tão sòmente com a parte intelectiva, teria edificado sôbre areia; e, nesse caso, sua obra não resistiria aos embates das paixões.

Ao seu notável bom senso, não podia passar despercebida a excelência dos valores morais na evolução do Espírito. O progresso unilateral, isto é, aquele que se verifica exclusivamente pela facta intelectual, é incompleto e falho. Não assegura a felicidade a que, naturalmente, o Espírito aspira no seu incontido anseio do bem e do belo, do justo e do verdadeiro. Assim como os pássaros se elevam às alturas, graças ao manejo de duas asas, assim também, a evolução espiritual só pode consumar-se mediante o mútuo desenvolvimento da razão e do coração, ou seja, da inteligência e do sentimento. Esta verdade não escapou ao egrégio compilador da doutrina dos Espíritos. Daí o motivo por que tratou com tanto carinho e desvêlo da parte moral ou religiosa da 3.ª Revelação.

"O Evangelho segundo o Espiritismo", de sua autoria, diz bastante da importância que lhe mereceu êsse magno assunto. A aceitação dêsse livro, cujas edições foram além das melhores expectativas, demonstra, à saciedade, como a Humanidade carece dêsses princípios doutrinários que falam ao coração, mitigando as suas dores, trazendo-lhe o confôrto nos dias de abatimento, o conselho e a esperança nas horas de aflição e de desespêro.

Sem receio de contestação, podemos afirmar ser êste aspecto da Doutrina Espírita o mais consentâneo com as grandes necessidades humanas. O mundo que habitamos é de provas e de expiação. As almas que abordam às plagas terrenas são, salvo raríssimas exceções, sofredoras, carecidas, portanto, de afeto e piedade para que possam sair daqui melhores de quando para aqui vieram. Ora, é precisamente no Espiritismo, em sua modalidade religiosa, que os padecentes vão encontrar refúgio e consolação. Só o Espiritismo explica às almas em carreira expiatória o motivo por que sofrem, abrindo-lhes, ao mesmo tempo, sem imposturas nem sofismas, as portas da redenção. Só o Espiritismo, em sua acepção filosófico-religiosa, levanta o ânimo dos desalentados e dos vencidos, acendendo em seus corações a estrêla da esperança, mostrando-lhes, ao mesmo tempo, que está em suas mãos lutar e vencer, conquistando a mesma posição que fruem os bons e os justos, os fortes e os varonis. A idéia de uma justiça indefectível, distribuindo a cada um segundo os seus méritos — justiça entrosada nas assertivas de uma misericórdia que mantém sempre acessível o caminho da reabilitação, pondo ao alcance de todos os culpados os meios e as possibilidades de ressarcirem um passado delituoso, conquistando um porvir de paz e de felicidade —, constitui, por certo, o mais belo e excelente prisma da sublime doutrina do Consolador, revelada pelos Espíritos e coordenada pelo inconfundível missionário — Allan Kardec.

oOo

Jesus foi mestre e teve discípulos. Aliás, foi êsse o único título que avocou a si, desprezando todos os demais que os homens pretenderam conceder-lhe. "Eu sou o vosso mestre. A ninguém mais, pois, chameis mestre, senão a mim."

Como sabemos, Kardec, além de outras atividades que exerceu, foi também preceptor, tendo mesmo substituído, em sua cátedra, ao renomado pedagogista suíço Pestalozzi.

O educador digno de tal nome, que exerce o magistério mais por vocação do que como profissão, é o homem afeito ao raciocínio, às pesquisas e às meditações. É ainda observador e analista, por necessidade e por hábito. De tudo que cai sob o domínio dos seus sentidos, tira conclusões e ilações. Observar, indutir e deduzir para concluir, tais são os métodos pedagógicos.

O verdadeiro preceptor conduz os seus educandos de modo que êstes, aplicando os poderes psíquicos próprios, possam, por si mesmos, descobrir a verdade. Desenvolver as faculdades anímicas que, em latência, jazem ocultas nas profundezas da alma humana, em tal consiste a obra da educação.

Educar significa tirar de dentro para fora; e não introduzir de fora para dentro, como faz a falsa pedagogia, baseada no princípio de autoridade, muito do gosto dos credos exclusivistas e totalitários.

Os efeitos dêsses dois métodos são opostos: um cria personalidade, faz homens livres e independentes. Outro, é fábrica de escravos, de indivíduos mecanizados, passivos e subservientes.

Foi precisamente êste o ponto de contacto entre Kardec e o Evangelho cristão, cuja escola tem por finalidade a libertação dos homens, tornando-os realmente livres, mediante o conhecimento da verdade.

Kardec verificou, então, a conjugação perfeita entre os objetivos cristãos e as finalidades do Espiritismo. Jesus é o redentor da Humanidade, porque veio traçar pela palavra, e consolidar pelo exemplo, o caminho da verdadeira vida. O Consolador prometido, que é o Espiritismo, veio, em tempo previsto, secundar a obra messiânica de redenção, dardejando, sôbre as letras evangélicas, a luz do espírito que as vivifica, dando-lhes maior brilho que o de tôdas as constelações estelares. Sob o influxo dessas meditações, Kardec escreveu "O Evangelho segundo o Espiritismo", cujas edições atingiram maior tiragem que tôdas as demais produções suas.

OS DEZ MANDAMENTOS

(Conclusão da pág. 3)

Jesus, no Evangelho, nos ensina como santificar o dia do sábado, e sabendo-nos um pouco mais adiantados no terreno da espiritualidade, recomenda-nos, não um dia apenas de oração por semana, mas um estado de vigilância e oração permanentes (Marcos, 13:35, 37 e 14:38; Mateus, 26:41), pois só assim poderemos nos pôr em sintonia com a Divindade.

Se assim agirmos, se formos capazes de nos manter em íntima e ininterrupta ligação com o Pai Celestial, tudo aquilo que Lhe pedirmos, desde que pautado nos princípios da Justiça, ser-nos-á concedido. E' o próprio Mestre quem no-lo assegura: "Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; a quem bate, abrir-se-lhe-á. Qual de vós dará ao filho uma pedra, se êle lhe pedir pão? Ou uma serpente, se êle pedir peixe? Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?" E aqui nos dá a regra áurea, que é a síntese de todos os mandamentos: Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também vós a êles, porque esta é a lei e os profetas". (Mateus, 7: 7 a 12)

ESPIRITISMO E TIRANIA

A primeira sessão espírita de que se tem notícia na Argentina, foi dissolvida a chicote pelo tirano Rosas.

O conhecido escritor e jornalista Soiza Reylly publicou na revista "Fray Mocho", de 27 de setembro de 1912, um comentário a respeito do Espiritismo.

Após enunciar o conceito que lhe merecia esta crença, passou ao seguinte relato histórico:

"A primeira evocação de espíritos que se conhece aqui, foi a realizada em casa de Don Manuel de Rosas, em abril de 1849.

A retirada do Exército Unitário, para Santa Fé, era celebrada pelo General, com uma festa íntima a que assistiam Manuelita, sua filha, Corvalán, Cuitiño e o ministro britânico Manderville.

Êste último, falou de Espiritismo e da facilidade de se conversar com os espíritos.

Rosas, que era curioso, quis certificar-se.

Trouxeram uma mesinha giratória e Manderville dirigiu a sessão.

Reinava silêncio... Rosas sorria...

Há um espírito na mesa, perguntou Manderville?

A mesa deu um golpe sêco; dizia que sim.

Eu quero falar com êste espírito, disse Rosas.

Perfeitamente: pergunte, ajuntou Manderville.

Espírito! exclamou Rosas; quem és?

A mesa respondeu sem vacilar, de acôrdo com as letras da chave prèviamente combinada: FLORÊNCIO VARELA.

Que quer êste canalha? exclamou enfurecido o tirano e, dirigindo-se à mesa, disse: Fala canalha!

ASSASSINO! concluiu a mesa.

Rosas dissolveu a sessão a rebencassos"

Como se vê, a curiosidade do governante levou-o à desagradável surpresa que, apesar disso, deve ter-lhe servido de lição.

EVOLUÇÃO

Sucedeu ao Espiritismo o que sucede no começo de tôdas as coisas: os primeiros não puderam ver tudo, cada um viu de seu lado e se apressou em comunicar suas impressões do seu ponto de vista, de conformidade com suas idéias e seus preconceitos. Ora, não se sabe que, conforme o meio, um objeto pode parecer quente a um, enquanto que outro o achará frio?

8.ª SEMANA KARDECIANA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Organização da União Municipal Espírita, Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, a realizar-se no período de 27 de Março a 3 de Abril de 1960

Dia 27

Centro Espírita "Amor e Caridade"
Av. Rui Barbosa N. 1.046
As 15 horas — Abertura
da 8.ª semana Kardeciana de S. José dos Campos
Palestra — Dr. Altino Ferreira
Direção dos Trabalhos, Pedro Synezio Vanzella
Saudação a cargo do Confrade Célio Lemos
DIA DEDICADO A CIDADE DE TAUBATÉ
Parte Recreativa a cargo da Mocidade Espírita de Taubaté

Dia 28

Centro Espírita "Amor e Caridade"
Av. Rui Barbosa N. 1.046
As 20 horas — Palestra: Apolo Oliva Filho
Direção dos Trabalhos: Frosard Antunes
Saudação a cargo da Jovem Olesia Rodrigues dos Santos
Crônica do dia anterior a cargo do Jovem João Pereira
DIA DEDICADO AS CIDADES DE CAÇAPAVA E LORENA
Parte recreativa a cargo das cidades visitantes

Dia 29

Centro Espírita "Dr. Ivan de S. Lopes"
Rua Francisco Rafael N. 190
As 20 horas — Palestra: Dr. Euripedes de Castro
Direção dos Trabalhos: Da. Nina Benedetti
Saudação a cargo do Confrade Messias Araujo
Crônica da noite anterior a cargo da Jovem Maria Aparecida Bassi
DIA DEDICADO AS CIDADES DE GUARATINGUETÁ E STA. BRANCA
Parte recreativa a cargo da Mocidade Espírita de Guaratinguetá

Dia 30

Centro Espírita "Dr. Ivan S. Lopes"
Rua Francisco Rafael N. 190
As 20 Horas — Palestra: Geraldo de Oliveira
Direção dos Trabalhos: José da Silva Garcia
Saudação pelo Confrade Pedro Synesio Vanzella
Crônica da noite anterior pelo Jovem Nelson Borges
Dia dedicado as cidades de PINDAMONHANGABA E GUARAREMA

Dia 31

Centro Espírita "Amor e Caridade Jacob"
Rua Cel. Monteiro N. 816
As 20 Horas — Palestra: Prof. Anselmo Gomes
Direção dos Trabalhos: Agostinho Benedetti
Saudação pela Jovem Hebbe de Faria
Crônica da noite anterior Terezinha Rocha
Dia dedicado a cidade de JACAREÍ
Parte recreativa a cargo da Mocidade Espírita de Jacareí

Dia 1.º/4

Centro Espírita "Amor e Caridade Jacob"
Rua Cel. Monteiro N. 816
As 20 Horas — Palestra: Da. Marciana Ferreira
Direção dos Trabalhos: Da. Rufina Borges
Crônica da noite anterior pela Jovem Olesia Rodrigues dos Santos
Saudação pelo Jovem Nelson Borges
Dia dedicado a CACHOEIRA PAULISTA
Parte recreativa a cargo da Mocidade visitante

Dia 2/4

Centro Espírita "Divino Mestre"
Rua Rubião Jr. N. 640
As 20 Horas — Palestra: Geraldo de Oliveira
Direção dos Trabalhos: Hebbe Faria
Saudação a cargo de Kayt Camargo
Crônica da noite anterior pela Jovem Lourdes Rodrigues
Dia dedicado a cidade de PIQUETE
Parte recreativa a cargo da cidade visitante

Dia 3/4

Centro Espírita "Divino Mestre'
Rua Rubião Jr. N. 640
As 10 Horas — Reunião do Conselho Regional da 4.ª Região
As 15 Horas — Palestra: Paulo Alves de Godoy
Direção dos Trabalhos: Célio Lemos
Saudação pelo Confrade Agostinho Benedetti
Crônica da noite anterior Kayt Camargo
Parte recreativa a cargo das cidades visitantes
Dia dedicado as cidades de CAMPOS DO JORDÃO e CRUZEIRO

Com o desenvolvimento das idéias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário em a Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de ação. O movimento para a frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que quer que fique para trás, abaixo do nível social, é posto de lado, como vestuário que se tornou imprestável e, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma.

● ●

Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, constituem-lhe apenas o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invadiu a sociedade. É sobretudo na aplicação dos seus princípios morais que o Espiritismo se destaca, e é dentro deste aspecto que se reconhecem os espíritas sinceros.

● ●

FUTURO

Bem poucos homens vivem despreocupados do dia seguinte. Ora, se cada um se inquieta pelo que virá após o dia que está transcorrendo, com mais forte razão é natural se preocupe com o que haverá depois do grande dia da vida, pois já não se trata de alguns instantes, mas da eternidade. Viveremos ou não viveremos, findo esse grande dia? Não há meio termo; é uma questão de vida e de morte; é a suprema alternativa!...

● ●

EVANGELHO

O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fêz; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aquêles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldades, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

31 DE MARÇO

(Conclusão da página 1)

do de vida, descobrindo regiões até então consideradas inacessíveis e traçando rumos mais certos à capacidade do ser humano.

Dialético por temperamento e místico por educação, Allan Kardec teve a idéia — e a realizou — de construir os alicerces de uma ciência com os materiais de uma religião. Foi essa a sua maior glória, pois que, aliando a razão ao sentimento, êle deu maior doçura e compreensão ao pensamento humano e consôlo aos corações aflitos.

A morte não existe! Esta, a palavra de ordem que soou em Hydesville. E, para prová-la e poder repeti-la, com a eloquência dos iluminados, a tôdas as criaturas, Kardec afundou-se nos mares encapelados do passado e, quando surgiu à tona estava no infinito!

Rememorando as datas de março, a redação do "Unificação" presta homenagem sincera às irmãs Margarida e Catarina Fox — as médiuns de Hydesville — e curva-se respeitoso à memória de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo.

Na beira do túmulo de Kardec, Camille Flammarion cognominou-o de "o bom-senso encarnado". Com o fito de demonstrar aos nossos prezados leitores o acêrto do genial astrônomo, publicaremos, à seguir, belíssima página extraída de "O Livro das Previsões Concernentes ao Espiritismo", manuscrito composto por Allan Kardec e sòmente conhecido após a sua desencarnação.

PRECE (*)

Senhor, Deus todo-poderoso, as revelações que me vêm sendo feitas há algum tempo, acerca de minha individualidade e de minha futura missão, tão extraordinárias me parecem, que lhes não posso dar crédito. Elas implicariam uma categoria espiritual a que não posso pretender, pois sei quantos degraus ainda tenho que subir para lá chegar. Sinto demasiado o que me falta e sinto a minha inferioridade, sobretudo em certas circunstâncias, para que me iluda quanto ao meu mérito pessoal.

Se tantas provas eu não tivesse da assistência e da proteção dos bons Espíritos, creria ser tudo uma mistificação, o que me lançaria em dúvida quanto à realidade das outras partes da minha missão. Creria ser, em maior escala, joguete de Espíritos enganadores. Mas, em tôdas as outras comunicações e na marcha das coisas que se passam aos meus olhos, há tal sabedoria e tal lógica, tudo se realiza com tão maravilhosa exatidão, que fôra preciso ser cego para não ver em tudo o cunho da vossa divina vontade.

Não podendo, pois, negar a veracidade de certas revelações, cuja realização testemunhei, nem de outras cuja evidência é manifesta, e, por outro lado, compreendendo a minha insuficiência, concluo que se trata de uma prova para a minha humildade e para a minha fé. Com a vossa ajuda, Senhor, e a dos bons Espíritos, conto sair dela vitorioso.

Graças vos rendo, ó meu Deus, e aos Espíritos meus protetores, por me haverdes dado até aqui a fôrça de me não deixar deslumbrar pela perspectiva de um papel que só aos Espíritos de primeira ordem pode tocar, àqueles que são bastante puros, para receberem diretamente as vossas divinas ordens. O de simples precursor já é bastante glorioso, pelo que me cumpre render-vos graças por vos terdes dignado confiar-mo. Tôda a minha ambição consiste em mostrar-me digno dele, pelo meu devotamento.

Que me seja dado voltar à Terra, para cooperar, por um novo trabalho, na obra da regeneração; que volte mesmo numa posição que empreste mais autoridade às minhas palavras, eu o compreendo e aceito com alegria, como testemunho de confiança do Senhor para com o servo; mas, quanto a ser chamado a coroar o edifício, ou, pelo menos, a concorrer para isso, com merecimento próprio, é o que a minha consciência se nega a admitir.

Quaisquer que sejam os vossos desígnios a meu respeito, Senhor, que a vossa bondade se faça. Aceitarei, sempre com reconhecimento, tôda missão, por mais humilde que seja, considerando um favor insigne ser incumbido de preparar os caminhos para o eleito de vossa escolha.

Não admitindo, das revelações que me concernem, senão a parte efetiva e provável, êsse papel, embora secundário, me impõe deveres aos quais tomo a peito não faltar nunca. Dignai-vos, pois, Senhor, por meio da assistência dos bons Espíritos, de me fornecer as fôrças físicas e morais que me são necessárias para cumpri-los, segundo as vossas vistas; daí ao vosso humilde servo, simples soldado da obra, os instrumentos com que lavre o campo e as armas com que vença o inimigo.

Já em muitas circunstâncias tenho sentido, Senhor, os efeitos da vossa divina proteção; as sendas foram aplanadas sob meus passos; os obstáculos desapareceram ou foram destruídos, e meus inimigos se tornaram impotentes. O êxito de meus trabalhos excede a tôda previsão e dado me foi testemunhá-lo em vida, graças à rapidez com que a nova doutrina se propaga. Quem poderia deixar de ver neste fato, único relativamente a tôdas as filosofias dêste mundo, um sinal da vossa irresistível vontade, respeito ao Espiritismo?

Obrigado, ó meu Deus, por tão insigne favor e por tôdas as satisfações morais que tendes espalhado no meu caminho, suavizando-lhe as asperezas. Se nêle alguns espinhos encontro, não são de natureza a me deterem, e os arranhões que produzem nada são ante a grandeza do fim objetivado. Seria, então, razoável que me queixasse, quando recebo a cada instante provas da vossa bondade? Obrigado, sobretudo por me terdes permitido ver de muito alto as coisas, para desprezar os ataques de meus adversários e não me sentir ferido pelos seus dardos.

Senhor, quisestes que a luz se derramasse a jorros e já ela brilha em todos os pontos do Globo; quisestes que seus próprios inimigos servissem para espalhá-la e eis que a violência das palavras dêles, chamando a atenção dos indiferentes, multiplica o número dos adeptos; quisestes o triunfo da verdade sôbre o êrro e eis que, por suas faltas e seus próprios excessos, êles se desacreditam e se suicidam!

Senhor! fazei que a luz se torne tão refulgente que fira, afinal, ainda os mais cegos, a fim de poupar-lhes as dolorosas expiações reservadas aos que não vos ouvem a voz.

Meu maior pesar neste mundo é a decepção que experimento, por não ver sinais de sinceridade, encontrando, às vêzes, ou indiferentes, ou mesmo adversários nos que pareciam cheios de zêlo e de devotamento e com o concurso dos quais eu supunha mais poder contar. Dignai-vos abrir-lhes os olhos, Senhor, enquanto ainda é tempo, pois aquêle que crê sem se deixar tocar pelo que crê é mais culpado do que o que ignora. Porém, um raio de vossa graça lhes pode esclarecer as almas e mostrar-lhes o caminho falso que seguem: enviai-lhes, meu Deus, êsse raio, a fim de que compreendam o verdadeiro sentido dos ensinos dados pelos Espíritos.

(*) A propósito de algumas revelações que pessoalmente diziam respeito ao Codificador.

Esta página foi extraída de "O Livro das previsões concernentes ao Espiritismo", manuscrito composto por Allan Kardec e sòmente conhecido após a sua desencarnação.

O HOMEM BOM

Ao velho amigo, João Lima, auxiliar do "Curso de Moral Cristã" do "Centro Espírita João Batista" de Bangu, do Rio de Janeiro — D. Federal.

Amigo velho, nunca a gente esquece...
Sua afeição, que tanto eu encareço,
Vale mais que ouro antigo, não tem [preço...
No meu conceito, nunca desmerece.

Quanto mais passa o tempo, enrigidece
O afeto que nos une, sem tropêço.
Embora longe, num sertão revesso,
Desejo-lhe progresso, em ardente prece.

Não sei o que, em meu peito, mais [aumenta:
Se a gratidão real, que representa
O reconhecimento dos favores...

Ou se a afeição sincera, imperecível,
Dia a dia mais forte e indestrutível,
Que me acompanha, sempre, em meus [labores.

"ERAM VERDADEIROS"

Quando o ilustre físico, químico e astrônomo William Crookes, pela primeira vez apresentou numa revista científica de Londres o seu relatório sôbre as suas experiências em tôrno da "fôrça psíquica", os seus antagonistas, valendo-se de fútil argumento, em vez de demonstrarem que êle havia observado mal, limitaram-se a afirmar-lhe que tais fenômenos "não eram possíveis!"

Respondendo mais tarde a êsse curioso argumento, o ilustre sábio, empregando uma finíssima ironia, limitou-se também a responder-lhes:

— Mas eu não disse que êsses fenômenos "eram possíveis"; o que afirmei e afirmo é que "eram verdadeiros!".

JOANA D'ARC MÉDIUM

(Conclusão)

Essas palavras irritaram os juizes e dirigiram-lhe uma insidiosa e pérfida pergunta: **"Joana, crêde-vos estar em estado de graça?"**

— "Se não me encontro em estado de graça, que Deus mo conceda; se estou, queira Deus então conservar-me nele".

O SACRIFÍCIO

Sôbre uma carroça, foi levada através de uma turba trêmula, sob a guarda de oitocentos inglêses armados de lanças e espadas. (Cristo fôra condenado pelos judeus e conduzido ao sacrifício pelos romanos. Joana fôra condenada pelos católicos e conduzida à fogueira pelos inglêses).

"Oh! Ruão! Ruão! devo pois morrer aqui! exclamava a mártir. Em frente à praça do mercado velho, três estrados haviam sido erguidos. Sôbre um estava o púlpito episcopal e real, o trono do cardeal Winchester.

A fogueira preparada horrorizava pela sua altura. Não era somente para tornar a execução mais solene; havia uma segunda intenção, a de não permitir ao carrasco que a matasse antes de ser consumida pelo fogo. Não se queria que fôsse dado à fogueira um corpo morto; queria-se que fôsse realmente queimada viva, e também para que, sendo lentamente queimada, talvez deixasse escapar alguma palavra ou qualquer coisa que pudesse ser traduzida como uma retratação. Nicolau Midi, fez o sermão. Pregou sôbre o texto: **"Quando um membro da igreja está doente, tôda a igreja está doente".** Essa pobre igreja não podia curar-se senão cortando-lhe um membro. Concluiu pela exclamação:" **Joana, ide em paz, a igreja não mais vos pode defender".** O Bispo de Beauvais, exortou-a e não permitiu que fôsse lida publicamente a suposta abjuração. Temia desmentidos, reclamações.

O bispo leu a condenação. Rememorou à delinquente todos os seus "crimes", cisma, idolatria, "invocação de demônio", (O mesmo que dizem hoje dos médiuns) **"seduzida pelo príncipe da mentira"**, membro apodrecido da igreja".

Abandonada assim da igreja, entregou-se em tôda confiança a Deus. Pediu a cruz. Um inglês lhe passou uma cruz de madeira, que fêz de um pedaço de pau; Joana recebeu-a piedosamente, beijando-a, e colocando-a sôbre suas vestimentas e sôbre a sua carne...

Ao carrasco foi dito: **"Faze teu ofício..."**

Joana gritou de novo: **"Ó Ruão, serás minha última morada!... Ah! Ruão, Ruão, muito temo que venhas a sofrer por causa de minha morte"**, exprimindo grande compaixão pelos que a condenaram.

Foi amarrada e sôbre a sua cabeça, a exemplo de Jesus, foi lhe colocado um lêma: "HERÉTICA, RELAPSA, APÓSTATA, IDÓLATRA"... e então o carrasco pôs o fogo... Joana vendo a chama deu um grito.

O desgraçado Cauchon, movido por um baixo requinte de perversidade, tendo certeza que em boa fé não havia obtido qualquer retratação de Joana, dirigiu-se ao pé da fogueira e apontando-lhe o dedo instigava-a à abjuração, e a única frase que teve como resposta foi:

"Bispo, sois vós que me matais...", palavras pronunciada num mixto de desesperação e doçura.

Quando o fogo se elevou mais, não mais nomeou senão Deus, seus anjos e suas vozes. **"Sim minhas vozes eram de Deus, minhas vozes não me enganaram!...**

Invocou as suas vozes, o seu arcanjo: repetia o nome do Mestre Nazareno.

Enfim, deixando cair a cabeça deu um grande grito: **"Jesus".**

E assim à 30 de maio de 1431 expirou aquela que iniciou o ciclo glorioso daqueles que se insurgiram contra a prepotência e o fanatismo da religião dominante, coisa que por si só vale mais do que a libertação de Orleans, que simplesmente foi um meio e não um fim em sua gloriosa e inesquecível missão.

SINAGOGA ESPÍRITA NOVA JERUSALÉM

SÃO PAULO

A prestigiosa entidade em epigrafe, que tem a sua sede social à rua Casimiro de Abreu, 392, continua a realizar, todos os sábados às 20,15 horas, a sua tradicional sessão teórico-prática sob a presidência do conhecido batalhador da Doutrina, sr. Antônio José Trindade.

O orador do dia 19 do corrente foi o confrade Paulo Alves de Godoy, que ali representou o Conselho Metropolitano Espírita, da USE.

FRATERNIDADE

Quando os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão também a verdadeira solidariedade e, conseguintemente, a verdadeira fraternidade. Uma e outra então deixarão de ser simples deveres circunstanciais, que cada um prega as mais das vezes no seu próprio interesse, não no de outrem.

NÃO OLHE PARA TRÁS

JOSÉ RUSSO

De tal modo nos preocupamos com as atividades de nossos semelhantes, que de ordinário nos esquecemos das advertências de Jesus sôbre nossos deveres de fraternidade.

Distraimo-nos de nossas obrigações quotidianas ou quase sempre inadiáveis, para observar e criticar aquilo que os vizinhos fazem ou dizem. Colocamo-nos na posição de julgadores, sempre prontos a descobrir faltas no procedimento alheio. Raramente deixamos em branco qualquer novidade que nos chegue ao conhecimento, sem levar um cerrado comentário, com as indispensáveis correções aos atos praticados pelos homens ou mulheres. De nossa torre inatingível, de onde anotamos a loucura dos fraudadores das leis sociais e divinas, observamos o crepitar da maldade e da ignorância, considerando-nos invulneráveis e distanciados dos males que infestam as massas inferiores.

Julgar, condenar, sentenciar, tornaram-se necessidades primordiais da existência. Pode-se lá viver sem apontar os erros alheios? Deixar sem um comentário as atitudes das mulheres que se desviam, e a miséria dos homens que se degradam nos vícios torpes, só para um ser superior que, sensibilizado pelas fraquezas humanas, deliberasse combatê-las, no propósito de reerguê-las da lama do pecado. Além do hábito mesquinho de atassalhar as ações cometidas pelos nossos semelhantes, indivíduos há que se especializam no ofício de boateiros, propagando tudo quanto ouve ou descobre, sem se importar com a verdade e nem com as consequências. Desde tantos séculos se cristalizou o costume nefasto de atirar pedras aos pecadores que serão precisos tantos outros para impor, pelo menos um silêncio contrafeito, já que a indulgência ainda nos é desconhecida.

Se julgassemos em pensamento, na mudez dos que ouvem e guardam para si próprios, o mal não seria tão grande, de vez que só contaria uma vítima: aquêle que pecou em pensamento.

Mas isso não se dá e não satisfaz a ninguém. O prazer está justamente no contrário, no ouvir, farejar, contar, espalhar a novidade em primeira mão para ter a glória velhaca dos faladores que se comprazem com os pequenos e grandes problemas que infelicitam a existência humana.

—:o:—

Quando o Cristo advertira em imortal sentença que não olhassem para trás os que houvessem tomado o arado, arrolou nessa frase tôda a humanidade, e muito em particular aos que voluntàriamente adotassem o cristianismo como emblema de sua crença religiosa.

O julgamento da vida do semelhante, na maior parte das vêzes, deriva para a maledicência, levando os puritanos e todos aqueles que têm uma trave nos olhos, a se esquecerem de suas mazelas morais. Dentre os cristãos de todos os ramos ainda perdura o costume antigo, o vêzo milenar de tecer uma rede de intrigas e sorrateiros mexericos, de maneira impiedosa e anti-fraterna para com todos os atos que lhes parecessem pecaminosos, envolvendo até os mais íntimos, amigos e familiares.

O mexeriqueiro a ninguém perdoa. Seu maior prazer, sua preocupação maior é propagar um boato, uma intriga, um crime, um adultério. Quer sempre ser o primeiro bem informado para espalhar o que pensa ser errado. Pouco se lhe dá a dignidade, a honra, o caráter de pessoas inatingíveis. Êle atira a peçonha de sua língua sem nenhuma condescendência.

Tôdas essas vítimas da mais negra demonstração de inferioridade moral, com raras exceções, frequentam os templos de suas crenças. Oram, exercem as funções de seu culto, trabalham, vivem e continuam intrigantes. Simbòlicamente olham para trás em vez de seguirem a rota do Evangelho. Sua devoção, seus deveres não impedem de gozarem com os infortunados que, mal orientados e entregues aos seus apetites e paixões, descambam para a senda larga do mal.

O cristão consciente dos ditames do livro que recolheu os ensinos de Jesus, e que se esforça para pô-los em prática em todos os atos da vida, não julga, não critica, não se torna veículo da mentira, não se compraz em condenar os atos alheios, segue sempre o seu caminho, resoluto, seguro, liberto e não perde tempo e oportunidade olhando para trás.

DE QUE PRECISA O ESPIRITISMO

Nos centros doutrinários — de amigos do bem e da verdade, que saibam exemplificar a compreensão e a boa vontade para o soerguimento de todos, através da elevação de si próprios.

Na ciência — de investigadores e estudiosos, que unam o raciocínio e o sentimento, elevando o coração ao nível da inteligência.

Na política — de legisladores e administradores dignos, que não menosprezem o sacrifício pessoal, habilitados a crear mais altos padrões de caráter para a mente do povo.

Na imprensa — de jornalistas humanos, construtores do bem e adversários do escândalo, livres da influência financeira, a serviço do bem geral.

No magistério — de professôres devotados, que possam plasmar a alma da infância e da juventude, nas linhas eternas do ideal superior.

Nos lares — de pais e mães consagrados à missão que esposaram, de filhos e irmãos que se auxiliem, reciprocamente, no testemunho leal da comunhão fraterna.

Nas organizações de trabalho — de cooperadores que se honrem no cumprimento do dever, dedicados ao progresso e ao aperfeiçoamento, para a justa exaltação da dignidade do serviço.

No campo — de colaboradores da natureza, de amigos sinceros do solo, das plantas e dos animais que, semeando e ajudando alegremente, se façam intérpretes dos Propósitos Divinos.

Na arte — de tradutores fiéis da bondade e da beleza, que auxiliem o pensamento a escalar os mais altos cimos da vida.

Na mediunidade, na pregação e na propaganda — de corações corajosos e confiantes, conscientes de suas responsabilidades e fiéis aos seus compromissos com o Infinito Bem, que se expressem com os atos, acima das palavras, plenamente integrados na execução das boas obras, a fim de que o Reino do Senhor se estabeleça, em definitivo, na Terra, assegurando a felicidade dos homens para sempre.

ANDRÉ LUIZ

FENÔMENOS

Os fenômenos espíritas, longe de abonarem os falsos Cristos e os falsos profetas, como a algumas pessoas apraz dizer, golpe mortal desferem neles. Não peçais ao Espiritismo prodígios, nem milagres, porquanto êle formalmente declara que os não opera.

RESPEITO À LEI

Benedito G. do Nascimento

A evolução humana, embora haja avançado regularmente nestes últimos tempos, em alguns setores, permanece, entretanto, senão estacionária, retardatária pelo menos em outros.

Essa falha, no tocante à moral, tem sido a causa principal dos grandes prejuizos que vimos sofrendo presentemente, sem a tão desejada esperança de um breve futuro promissor.

Para quem acompanha o progresso do homem nas suas conquistas audaciosas, em todos os campos onde emprega a sua atividade, só tem que admirá-lo diante das suas vitórias, mas quem se confia, sem a necessária previdência, nos seus sentimentos, logo se decepciona.

Notemos bem que há quase dois mil anos já disse Jesus, no seu louvável trabalho de redenção do mundo, àqueles que deveriam ser os seus continuadores: "Tendes ouvido o que foi dito: Ôlho por ôlho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao mal; mas a qualquer que vos der na face direita, voltai-lhe também a outra".

Jesus, no presente caso, exigia do homem o máximo, mas infelizmente, até hoje, raros, raríssimos são aqueles que oferecem o mínimo.

Notemos bem quanta humildade e desprendimento ressaltam dessa sublime lição, de que pouco tempo depois Jesus deu o mais significativo exemplo, sofrendo pacientemente tôdas as torturas físicas e morais que lhe impuseram os servidores de César, em desagravo às derrotas das religiões mercenárias.

O homem, procurando sempre o modo mais cômodo de servir a Deus, ainda está longe de aprender o alto valor espiritual da recomendação do Mestre, no sentido de cultivar, na vida prática, as virtudes que poderiam ocasionar o levantamento do nível moral dos povos.

Inverteram de tal forma o sentido das palavras do Mestre, que hoje, não são considerados virtuosos os que perdoam, mas sim fracos e covardes, da mesma forma que chegam a chamar de tolos aqueles que perdem as oportunidades de se apropriarem indevidamente dos bens alheios quando a situação os favorece. E, para justificarem então as suas idéias opostas aos impositivos da lei divina, criaram para si um Deus estranho, diferente do apresentado por Jesus ao mundo, limitando ao mesmo tempo os deveres cristãos a um grupo de fórmulas vãs, sem nenhuma eficiência no campo dos sentimentos construtivos. Com isso retardaram, na vida de relação dos homens, o aprendizado, ocasionando prejuizos enormes à evolução dos espíritos em marcha para o Eterno. Enquanto isso, a lei de "ôlho" por ôlho e dente por "dente", que vem prevalecendo através de milênios, desde Moisés — o seu criador — faz sentir-se rigorosa por tôda parte, inspirando lutas sem fim e sustentando ódios implacáveis, revolucionando sempre as massas, que nunca demoram a pôr em execução os seus planos mais perversos, alegando uns a defesa de ideal e outros de direitos violados, e outros ainda em defesa da moral.

Distanciados dos ensinamentos reais de Jesus e da vontade soberana de Deus, não percebem jamais os homens que o ideal mais nobre, o direito mais sagrado e a moral verdadeira e pura decorrem do amor preceituado pelo Cristo, como condição única para o estabelecimento da paz e conquista da felicidade eterna.

MOÇO ESPÍRITA
A XIII CONCENTRAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE S. PAULO PRECISA DO SEU APÔIO

MENSAGENS DO ALÉM

(Página recebida pelo médium FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

VIDAS SUCESSIVAS

"Não te maravilhes de ter dito: — Necessário vos é nascer de novo" — Jesus - João: 3-7.

O ensinamento de Jesus a Nicodemos foi muito claro. Desviá-lo para interpretações descabidas pode constituir objeto de interêsse econômico para o sacerdócio organizado, mas não será justo nos espíritos que cultivam a verdade.

A reencarnação é necessária. Sem ela, a vida humana seria um turbilhão de atividades em desordem. Suas leis constituem o tratado de compreensão de todos os fenômenos dolorosos do caminho. O homem ainda não percebeu tôda a extensão da misericórdia na justiça divina.

Entre as criaturas humanas, o criminoso é enviado às penas últimas, seja pela condenação à morte ou aos sofrimentos prolongados.

A Providência, porém, corrige, amando. Os réus não se encaminham à prisões húmidas e infectas. Os comparsas dos dramas escabrosos trocam a vestimenta carnal e voltam ao palco das atividades humanas para se redimir, à frente uns dos outros.

Nem sempre o que errou é um celerado, como nem sempre a vítima é pura e sincera. Deus não vê sòmente as maldades que surgem com escândalo; sua infinita misericórdia conhece o mecanismo sombrio de tôdas as circunstâncias que provocaram um crime. O algoz integral, como a vítima integral são desconhecidos do homem. Deus, porém, identifica as necessidades de seus filhos e os reune, periòdicamente, pelos laços do sangue ou de outros compromissos, afim de que aprendam a lei do amor, entre as dificuldades e as dores do destino, com a bênção do temporário esquecimento.

EMMANUEL

UNIFICAÇÃO

(Conclusão da página 1)

que não se pode acomodar às exigências de pessoas ou grupos; buscou-se solucionar problemas utilizando-se da recomendação evangélica da TOLERÂNCIA preconizada por Jesus e Kardec. Mas, assim mesmo, as dificuldades cresceram como para testar a têmpera em que foi forjado o trabalho de Unificação e a verdade é que nestes dez anos a árvore, tibia a principio, robusteceu-se vigorosa e vem atingindo êxito inesperado nos seus objetivos.

E' verdade que o Espiritismo não tem Chefe mas possuindo um corpo de Doutrina que necessita ser zelado, tem necessidade de uma Entidade Federativa de âmbito nacional para colocá-lo a salvo das investidas da futilidade, da imprevidência e dos abusos de tôda ordem. Para êsse fim, criaram-se as Uniões Sociais, Comissões Estaduais e ampliaram-se os programas das Federações sob a assistência do Conselho Federativo constituido por homens escolhidos pelas Entidades Estaduais, que se congregam mensalmente na Casa de Ismael, para dirimir dificuldades, corrigir equívocos, nortear serviços sem fugir à veneranda Codificação Kardequiana.

A Unificação é trabalho de entendimento que ninguém pode desdenhar na Seara Espírita.

A Unificação é fruto da agregação de forças dispersadas pelo personalismo e pelo egoísmo, milenares adversários do homem, objetivando a causa comum a todos que é o triunfo do Espiritismo evangélico, racional e libertador nos corações humanos.

Na época das Instituições Sociais de Previdência, das Caixas de Socorro, do Cooperativismo que nas Sociedades materialistas atestam o altruismo do homem civilizado, fazia-se inadiável, na comunidade cristã do Espiritismo, a Unificação das Entidades Espíritas para a corporificação entre os homens do postulado do Trabalho, da Solidariedade e da Tolerância.

Unificar significa reunir num só todo, fazendo convergir para um só fim.

Unificação Espírita é a reunião de valores para a melhor difusão e propagação do pensamento dos espíritos coletados e comentados pelo insuperável Professor de Lião, definindo os rumos seguros e elevados de cada um, no campo de serviço onde foi situado.

Nem discussão infrutifera...
Nem arrazoados novos...
Nem epistolas de exaltação...
Nem semeaduras apressadas...

Unificação é trabalho ordeiro, filho da ação de todos na preservação do Cristianismo Redivivo.

Unificação espírita é a concretização do enunciado de Jesus quando afirma que seremos um só rebanho sob o cajado de um só Pastor. O Espiritismo une-nos em tôrno do Senhor que por sua vez dirige-nos os passos para os Altos Rumos.

Entender-nos sem cansaço; ajudar-nos sem exigências nem ambições; proteger-nos sem reclamações; servir a todos, homens e Entidades, é o programa traçado por Jesus, continuado pelo Espiritismo e que culminando no "PACTO ÁUREO" deu nascimento à obra já vitoriosa da Unificação espiritista no solo do Brasil.

FRANCISCO SPINELLI

(Página recebida pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão da noite de 15-2-1960, em Salvador, Bahia.)

RELAÇÃO DOS MANTENEDORES DA U.S.E.

Carlos Jordão da Silva.
Paulo Toledo Machado.
Carlos Dias.
Carlos Damico
Dr. Luiz Monteiro de Barros.
Dr. Bertho Condé.
Dr. Luiz Francisco Giglio.
Paulo Alves de Godoy.
Pedro José Paes.
Dr. Wilson Ferreira de Mello.
Érulos Ferrari.
Roberto Previdello.
C.R.E. da 9.ª Região — Ribeirão Prêto.
Dr. Flávio Pinheiro.
Romeu Muzegantte.
Augusto França.
Alexandre Soares Barbosa Júnior.
U.M.E. de Santo André.
UME de Franco da Rocha.
U.D.E. da 4.ª Zona Capital.
U.D.E. da 6.ª Zona Capital.
U.D.E. da 9.ª Zona Capital.
U.D.E. da 12.ª Zona Capital.
Angelo Pio da Silva.
U.M.E. de Bauru.
U.M.E. de Rio Claro.
Antonio Lorenzino.
Clóvis Moreira Sélles.
Apolo Oliva Filho.

NOVAS INSCRIÇÕES

Ernesto José de Freitas.
Dr. Agnelo Morato.

CENTRO ESPÍRITA "ETERNA AMIZADE" (Pederneiras)

Comunicam-nos, de Pederneiras, nêste Estado, que os associados do C. E. "ETERNA AMIZADE", sediado naquela cidade, elegeu e empossou para exercício durante o corrente ano, a seguinte Diretoria:

Presidente:
Sebastião Rodrigues Rocha.

Vice-Presidente:
César Acuto.

1.º Secretário:
Lauro Canelada.

2.º Secretário:
Miguel Meiado.

1.º Tesoureiro:
Roely Meiado.

2.º Tesoureiro:
João Canelada.

Procurador:
Adelino Alves Pereira.

Gratos pela comunicação, formulamos votos de crescente progresso espiritual.

Os fatos que o Evangelho relata e que foram até hoje considerados milagrosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma.

Jesus

(Para o caro confrade Paulo Alves de Godoy)

Jesus é o nosso Remédio
Jesus é o nosso Doutor;
Pois é por seu intermédio
Que curamos nossa Dor.

Jesus é nosso Caminho
Verdade, Vida, Alegria;
É Amor, é Luz e Carinho
Para Deus é o nosso guia.

Feliz daquele que o achou
E sabe que Êle nasceu;
Pois a riqueza encontrou
E a ser feliz aprendeu.

Ramiro Gama

INDÚSTRIAS SANSÃO S/A

Escritórios e Fábrica

RUA DAS JUNTAS PROVISÓRIAS, 1027

Telefones (Vendas) 63-2367

(Gerência) 63-5101 (Rêde Interna)

Caixa Postal, 12.345 — End. Telegr. "SANSÃO"

SÃO PAULO

CENTRO ESPÍRITA AMOR E CARIDADE S. JOSÉ DOS CAMPOS

O Centro Espírita Amor e Caridade, de São José dos Campos, realizou no dia 27 de fevereiro último, a festividade comemorativa do seu 32.º aniversário de fundação.

A reunião teve início às 20 horas, com uma parte artística, tendo em seguida feito uso da palavra o confrade Paulo Alves de Godoy, orador oficial e representante da USE. A mesa foi constituída dos seguintes companheiros: Pedro Sinésio Vanzella, Célio Lemos, José Benedito Ferreira, presidente da entidade e D.ª Rufina Borges, representante do Centro Espírita Amor e Caridade Jacó, da mesma cidade.

Elevado número de pessoas acorreu à sede daquela sociedade, tendo no final da reunião sido cortado o bôlo de aniversário pelo representante da USE, procedendo-se, à distribuição de um lanche a todos os presentes.

Os nossos votos de muito progresso na senda espiritual.

Elucidações Evangélicas

A CORAGEM DAS CONVICÇÕES

Que havemos de fazer a êstes homens? porque a todos os que habitam em Jerusalém é manifesto que por êles foi feito um sinal notório, e não o podemos negar.

Mas, para que não se divulgue mais entre o povo, ameacemo-los para que não falem mais nêsse nome a homem algum.

E, chamando-os, disseram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem o nome de Jesus.

Respondendo, porém, Pedro e João, lhes disseram: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus."

(Atos, Cap. 4, v. 16-19)

Numa época em que o açoite e a cruz eram os instrumentos da justiça humana, é de se admirar a corajosa atitude dos Apóstolos de Jesus, enfrentando as ameaças das autoridades judaicas e revidando, à altura, as injunções de tôda a ordem que estas lhes faziam.

Vemos aí o dedo de Deus, fazendo com que humildes pescadores que militavam dentro de uma doutrina recém-revelada, enfrentassem, com galhardia, todo o aparato de um tribunal religioso eivado de preconceitos, de tradições vãs e do firme propósito de fazer prevalecer um princípio que, por falta de vigilância e pelo pêso dos dogmas, achava-se ali petrificado e tolhido pela vontade de alguns poucos homens que de modo algum queriam perder a posição de destaque na sociedade, posição essa que lhes era caríssima por vários aspectos, chegando ao ponto de fazer com que, até a verdade fôsse rejeitada, uma vez que a sua aceitação implicava na perda de privilégios materiais e transitórios.

Vemos Pedro e João, com atitude firme e sem qualquer vacilação afirmarem que era mister falar antes das coisas de Deus, colocando as coisas dos homens em plano secundário. Isso valeu-lhes, embora à contra-gosto dos doutores da lei, a soltura, podendo os apóstolos, ainda por algum tempo, continuarem a falar das coisas atinentes à nova doutrina que ali germinava.

Os Espíritas, lídimos sucessores dos apóstolos, devem se capacitar de que a vinda do Consolador Prometido constitui realmente um "basta" nas prevaricações dos falsos apregoeiros da verdade. No decorrer dos séculos, os que se arrogaram em expoentes da Boa-Nova sempre porfiaram em entrar pelas portas largas dos convencionalismos terrenos e sempre fizeram com que os dogmas se constituíssem em pesados aguilhões, encerrando os ensinos edificantes do Mestre nas muralhas dos interesses grotescos e pessoais.

De agora em diante sòmente haverá um roteiro para a colimação dos sublimados objetivos delineados por Jesus Cristo e a caminhada far-se-á tão sòmente pela lei do amor e pelo amor à verdade.

Allan Kardec, através das obras basilares do Espiritismo, delineou de forma clara e positiva tudo aquilo que Jesus viera revelar, deixando uma advertência velada a todos aquêles que desejam perpetuar um estado de coisas que há muito tempo deixou de ter a sua razão de ser.

Os apóstolos Pedro e João, singelos pescadores do Tiberiades, ali estavam diante da autoridade máxima do poder religioso organizado dos hebreus, afirmando que as palavras de Deus jamais poderiam sofrer limitações de qualquer ordem e que isso havia sido a razão primarcial da vinda do Nazareno, cuja autoridade inabalável e à tôda prova havia solapado, desde os alicerces, todo um sistema religioso milenar, impregnado de falsos ensinamentos de origem profundamente humana e que na época servia de anteparo para as investidas das trevas na sanha inconcebível de se assenhorear das consciências humanas para dificultar a tarefa da luz.

O revide de Pedro e João estava à altura e os doutores da lei, temendo a influência da verdade na consciência das massas e que a luz brilhasse nos arcanos do Templo, onde se tramava a morte dos seguidores do Mestre Galileu, soltaram os discípulos, prevendo que as consequências seriam funestas para a perpetuidade das suas ambições desmedidas, de ordem puramente humana. Temiam os sacerdotes hebreus que o véu do Templo se rasgasse novamente do alto a baixo, deixando, desta vez, transparecer a felônia e o falso zêlo religioso que os animavam.

A vinda de Jesus havia marcado o princípio do fim do sistema religioso hebreu, assim como a revelação do Espiritismo representou o princípio do fim dos sistemas religiosos petrificados.

Os adeptos da Terceira Revelação devem ter bom ânimo, unindo-se dentro dos moldes traçados pelo Cristo, cuja única vontade é de que nos amemos uns aos outros. Devemos fazer com que as verdades imorredouras dos Evangelhos prevaleçam em todos os tempos e em tôdas as situações, tornando-se em objetivos máximos das nossas cogitações.

Capacitemo-nos do sacrifício do Filho de Maria, descendo do Reino da Luz para enfrentar um reduto de lobos vorazes. Compenetremo-nos do potencial que se encerra dentro de nós e de que a promessa de Jesus de que deveríamos buscar o Reino dos Céus para que tôdas as outras coisas se nos fossem acrescentadas, continua perenemente de pé e deverá servir de sustentáculo para o desempenho do trabalho sadio e incessante no campo doutrinário, que continua a se ressentir da falta de trabalhadores animosos e vibráteis, que possam fazer com que o Evangelho seja de fato o balsamo suavizador de tôdas as dores, o decifrador de tôdas as situações e problemas e a fonte de água-viva que sacia tôda a sêde. Devemos cogitar de trabalhar na grande seara, fazendo jus ao salário do bom jornaleiro.

O benefício será todo nosso se procurarmos depositar para o futuro todo o Bem possível, o qual se traduzirá, indubitàvelmente, em messes de luzes espirituais. O sol do Evangelho brilhará em tôdas as consciências e de dentro de tôdas as furnas fará saltar os espíritos trevosos que, durante muitos milênios, se constituíram em verdadeiros obstáculos à implantação do Reino de Deus na Terra.

O império da luz se avizinha e é mister que, todos aquêles que já sentiram na alma o chamamento do Bom Pastor, se preparem para as tarefas mais nobres e mais relevantes.

Filhos da Revelação Espírita, devemos nos situar como vanguardeiros na luta pela conquista da paz e do amor inextinguíveis. Devemos como Pedro e João exclamar, alto e bom som: *"importa antes proclamar as coisas de Deus"*.

Devemos nos lembrar de que a mensagem dos anjos: *"Paz na Terra aos homens de boa vontade"*, foi dirigida ùnicamente aos homens que realmente têm boa vontade. Boa vontade para o trabalho, para a prática do amor, para a semeadura da Paz e para a cultivação do Saber. Os que não se enquadrarem nesse labor constante, não fazem jus à mensagem e ficarão de fora até que se decidam a aceitar Jesus como o Grande Mestre e o máximo expoente da verdade e do amor, sem cuja aceitação não será possível ganhar os céus, pois é notório que tudo passará no Céu e na Terra porém suas palavras não passarão sem que sejam cumpridas, pois elas são o reflexo de verdades sólidas e insofismáveis.

Avante, pois, na compenetração dos nossos deveres. Só assim colheremos o fruto do nosso labor.

PAULO ALVES DE GODOY

ESPIRITISMO

Sebastião Caramuru

A pergunta anda no ar. Todo o mundo quer saber quem inventou o Espiritismo? Quem realizou a primeira sessão espírita? Onde se encontram os dados da primeira sessão espírita?

As perguntas são estonteantes e revelam o grande interêsse que vai pelo mundo a respeito dessa importantíssima questão que **empolga o pensamento dos homens** que estudam as coisas que com a alma humana se relacionam. Ora bem, o Espiritismo não é uma coisa dos homens e escapa de nossas mãos o fio de sua origem, pois ela está perfeitamente esclarecida pelos apostolos de Jesus Cristo. No capítulo 17, versículos 1 a 8, o apóstolo Mateus faz um relato completo da primeira sessão espírita realizada na Terra, e da qual foi Jesus o presidente. O apóstolo Marcos confirma em tôda a sua plenitude os dizeres de Mateus, que foi seu companheiro no apostolado de Jesus. Não sendo bastante ainda, porque o caso é dos mais importantes, que se têm levantado na face da Terra, temos por último o testemunho de Lucas no capítulo 9, versículos 28 a 36. E agora minha gente? Quem pode com êsse potencial de espiritualidade, lançados aos quatro pontos da Terra pelo Cristo, testemunhado por três homens honrados que mereceram a glória de serem apóstolos do Divino Mestre. Que homem, ou grupo de homens, religiosos ou não, terá forças para aluir uma pedra siquer dêsse grandioso monumento de espiritualidade, levantado na Terra pelo filho dileto de Deus? O Espiritismo, nasceu assim: — Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus e seus apóstolos, em missão de espalhar a espiritualidade na face da Terra estavam hospedados na aldeia de Endor que fica ao sopé do monte Tabor, Jesus seis dias depois de ali se acharem, tomou consigo os apóstolos Pedro, Tiago e João, com êles iniciou a caminhada para o Tabor, chegados lá bem no alto, a céu descoberto, o Senhor fez sinal a seus apóstolos para que parassem, e êles parando, começaram a orar, o Senhor adiantou-se um pouco e também pôs-se a orar. Nisto Pedro e seus companheiros de apostolado olharam para Jesus e viram que seu rosto transfigurava e estava brilhante como o sol, e suas vestes claras como a neve, junto ao Mestre materializaram-se os espíritos de Moisés e o de Elias. Então Pedro tomando a palavra disse: Senhor bom é estarmos aqui, se queres façamos três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias. Enquanto o apóstolo Pedro falava, uma nuvem luminosa cobriu os quatro homens e da nuvem saiu uma voz que disse: — Êste é o meu filho bem amado, ouvi-o. Os apóstolos tomados de mêdo atiraram-se de bruços sôbre a terra.

O Senhor tocou-os, fazendo-os levantar e dizendo-lhes: "não temais". Os apóstolos olharam, e não mais viram os espíritos materializados que estiveram falando com Jesus. Estava, pois, pelo Divino Mestre, fundado o Espiritismo na Terra com uma poderosa sessão de materialização, feita no monte Tabor, hoje chamado monte da transfiguração. Agora, quem tiver forças suficientes que faça parar a onda de espiritualidade lançada por Jesus e que vitoriosa percorre o planêta.

Andam por aí alguns indivíduos organizando um partido político e uma igreja para dar combate ao Espiritismo; que os espíritas não se preocupem com o fato e continuem com seus trabalho se orações, porque êsses pigmeus pretendem destruir um trabalho de Jesus, com quem terão de combater, e serem vencidos pelo potencial de espiritualidade que descerá do Alto para sustentar a obra de Deus.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual no Exterior	80,00
Assinatura anual no Brasil	60,00
Assinatura anual de simpatia	100,00
Assinatura anual de apôio	200,00
Assinatura anual de amizade	500,00
Assinatura anual de benemerência .	1.000,00
Número avulso, Capital e Interior .	5,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas fôlhas do tamanho de ofício.

Impresso na **Linográfica Editôra Ltda.**
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

DEUS

Victor Hugo

"Quanto mais o homem progride, mais deve crer; quanto mais se aproxima de Deus, mais deve ver a Deus.

E' dever de todos nós, quem quer que sejamos, legisladores ou bispos, sacerdotes ou escritores, publicar, pensar, difundir sob tôdas as formas, usar de tôda energia para combater e destruir a miséria e, ao mesmo tempo, para fazer com que tôdas as cabeças se ergam para o Céu e tôdas as almas esperem uma vida ulterior, na qual a justiça seja praticada.

Digamos bem alto: "ninguém sofre inùtilmente uma injustiça". A morte é uma restituição. A lei do mundo marcial é o equilíbrio, a lei do mundo moral é a equidade e a justiça.

Há uma infelicidade em nosso tempo, e quase direi que é a única infelicidade: a tendência de reduzir tudo a esta vida.

Dando-se ao homem por único e melhor destino a vida terrena e material, agravam-se tôdas as suas misérias com a negação do que é superior; à opressão dos desgraçados, se agrega o pêso insuportável do nada e nisto está a origem das profundas convulsões sociais.

Sou, certamente, daquêles que querem com ardor inexplicável e por todos os meios possíveis, melhorar nesta vida a sorte material daquêles que sofrem, e nenhum dos que me ouvem poderá duvidar desta verdade minha, não digo com sinceridade, pois esta palavra é débil.

E a mais importante melhora consiste em dar ao homem a esperança. Oh! como diminue a miséria quando nos consola uma esperança sem fim: DEUS!

Portanto, desejo firme, sincera e ardentemente, o ensinamento das verdades eternas. Digo-o francamente e não por hipocrisia — Quero que o homem tenha por objeto o Céu e não a Terra; por único fim: DEUS e não a matéria".

OS FATOS ESPÍRITAS

"Negar tudo — diz um grande sábio — seria um disparate de primeira ordem. Não existem muitos fatos históricos e científicos que sejam afirmados por tão grande número de testemunhas. Supor que tôdas essas pessoas tivessem "olhos abotoados", tivessem estado alucinadas, tivessem sido "iludidas por tua imaginação", é hipótese absolutamente insustentável."

CAMILLE FLAMMARION
(A Morte e o seu Mistério)